UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS-CECEN. DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA CURSO DE HISTÓRIA

KÊNYA DA LUZ SILVA

O SER PAJÉ: histórias de pajelança e encantaria em Cururupu no tempo presente.

KÊNYA DA LUZ SILVA

O SER PAJÉ: histórias de pajelança e encantaria em Cururupu no tempo presente.

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual do Maranhão, para a obtenção do grau em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Milena Galdez.

.

Silva, Kênya da Luz

O SER PAJÉ: histórias de pajelança e encantaria em Cururupu no tempo presente / Kênya da Luz Silva–São Luís, 2016.

75 f

Monografia (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

Orientador: Prof.ª Marcia Milena Galdez Ferreira

1.Pajelança. 2.Pajé. 3.Encantado.4. Cura . I.Título

CDU:256:398.43

KÊNYA DA LUZ SILVA

O SER PAJÉ: histórias de pajelança e encantaria em Cururupu no tempo presente.

Aprovado em://
BANCA EXAMINADORA
Prof. ^a Dr. ^a Marcia Milena Galdez Ferreira
Drof ^a Dr ^a Totione Deguel Daie Cilve
Prof. ^a Dr ^a Tatiana Raquel Reis Silva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me proporcionado grande conquista em minha vida. Segundo, aos meus avós que sempre me incentivaram a não desistir por mais difíceis às dificuldades, aos meus pais, irmãos e minha madrinha.

Quero agradecer as minhas amigas especiais Patrícia Helena, Sarah Froes, Juliana Sousa e Juliana Beatriz, por todo o apoio nos meus momentos de estresse, surto e sempre dizendo palavras de incentivos, as risadas e as brincadeiras que tivemos para descontrair os meus momentos de grande tensão.

Aos meus amigos que me ajudaram muito nas trocas de informações sobre minha pesquisa, não poderia deixar meu obrigada a Pablo Gabriel Monteiro, Diogo Aires e Daniel Bartholomeu.

Aos meus colegas de sala da turma 2011.2, tivemos momentos alegres, onde conheci pessoas incríveis, muito obrigadas a todos! Ao grupo de estudo RHIMAS: religiosidade, história, imagem, memória e Antropologia Social.

Aos professores da Universidade Estadual do Maranhão, em especial José Henrique Borralho que muito me ajudou ao definir minha pesquisa, no momento que estava muito perdida, tentando me encontrar. A minha orientadora Milena Galdez que me ajudou nessa jornada difícil, os puxões de orelha, mas tudo serviu como aprendizado. Agradeço aos dois de coração pelo grande conhecimentos que vocês ensinaram-me.

Quero agradecer a todos!

RESUMO

Esta monografia se propõe analisar a Pajelança no município de Cururupu, abordando os diversos olhares sobre essa prática, além da inserção de novos elementos relacionando com o sincretismo religioso e a sessão de cura. Nessa perspectiva, a monografia foca nas relações entre o pajé e os encantados (ou guias); o pajé e as pessoas que buscam algum tipo de tratamento; os encantados e as pessoas. Toda a construção e representação da Pajelança no contexto da religiosidade popular.

Palavras chaves: Pajelança; Pajé; Encantados; Cura.

ABSTRACT

This paper aims to analyze pajelança in the city of Cururupu, addressing the different views on this practice, and the insertion of new elements relating to the religious syncretism and the healing session. In this perspective, the monographic focuses on the relationship between the shaman and the enchanted (or tabs); the shaman and people who seek some kind of treatment; the enchanted and people . All construction and representation of shamanism in the context of popular piety.

Key words: pajelança; shaman; delighted; Cure.

"Mas é claro que o sol, vai voltar amanhã

Mais uma vez, eu sei

Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã

Espera que o sol já vem"

(Legião Urbana)

Sumário

1.	IN	NTRODUÇÃO	9
2.	A	PAJELANÇA: interpretações e prática.	12
2	2.1	A PAJELANÇA: olhares e fazeres	12
3	A	PAJELANÇA NA CIDADE DE CURURUPU	26
3	3.1	AS FESTAS	26
3	3.2	O PAJÉ	28
3	3.3	OS ELEMENTOS DA PAJELANÇA	29
3	3.4	OS ENCANTADOS	34
3	o	SER PAJÉ: confrontando histórias de vida	38
3	3.1	TRAJETÓRIA DO PAJÉ SEU BETINHO	39
3	3.2	TRAJETÓRIA DO PAJÉ SEU EDMIR	43
4	A	ARTE DE CURAR	51
4	4.1	AS FORMAS DE TRATAMENTOS	51
4	1.2	O ENCRUZO	56
4	1.3	O "NASCIMENTO" DE UM NOVO PAJÉ	58
2	1.4	FIRMAMENTO DO 'NOVO PAJÉ'	61
CC	NC	LUSÃO	64
RE	FE	RÊNCIAS	65
AP	ÊN	DICES	69
1	APÊ	ÈNDICE 1: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	69
	ΛĐÊ	NDICE 2: RREVE RIOGRAFIA DOS ENTREVISTADOS	72

1. INTRODUÇÃO

O Maranhão é um dos estados que possui uma das *Encantarias* mais ricas e diversificadas do país. Isso ocorre por estarem inseridos em um contexto afro-religioso muito vasto com manifestações do Tambor de Mina, Terecô, em um contexto afro-religioso muito vasto com manifestações do Tambor de Mina, Terecô, Umbanda e Candomblé. Uma prática que é muito recorrente na região da Baixada Maranhense e no litoral ocidental, como na cidade de Cururupu.

A pajelança é uma prática que envolve vários elementos como o próprio pajé, os encantados (guias), o barracão como espaço físico, religioso e social; o público, os tratamentos terapêuticos, a cura, as festas, etc. É um conjunto que transcorre esse universo mágico, misterioso, enigmático que permite conceituar a pajelança como uma manifestação religiosa que agrega outras práticas de diferentes religiões.

É interessante perceber que a pajelança é uma prática antiga que consiste em tratamentos terapêuticos com ervas medicinais e outros tipos de remédios, além do auxílio dos encantados. Essa manifestação ainda sofre preconceitos pela sociedade, os adeptos são visto como "feiticeiro", "macumbeiro", termos pejorativos para denegrir a sua imagem enquanto pajé e por fazer parte da religião afro.

A escolha pela cidade de Cururupu para pesquisar sobre a pajelança se deu primeiramente por ser minha terra natal, portanto, de certa forma, a pajelança era familiar. Mas, enquanto pesquisadora eu tinha que "transformar o familiar em exótico e/ ou transformar o exótico em familiar" (DA MATTA, p.180).

Posso mesmo argumentar que o sentido do familiar e do exótico é complexo, precisamente porque os dois termos não devem ter uma implicação semântica automática. Daí a necessidade de realizar sua transformação para poder fazer emergir a postura antropológica. É preciso transformar o familiar no exótico (ou seja: é necessário questionar, como faz Velho, o que é familiar, para poder situar os eventos, pessoas, categorias e elementos do nosso mundo diário a distancia) do mesmo modo que é preciso questionar o exótico (e fazendo isso, conforme sugere Velho, podemos muito bem ali descobrir o conhecido e o familiar). Mas, devo observar tais questionamentos não são realizados pelo senso comum, mas pelo investigador munido de um conjunto de problemas que deseja submeter ao escrutínio da razão. (DA MATTA, p. 184).

A segunda pela notoriedade em decorrência de algumas pesquisas sobre os pajés com atuação local e também, por ser considerada uma pajelança "tradicional". Não concebo tradição como pureza ou autenticidade das religiões afros, mas como prática e representação em contínuo movimento de ressignificação.

Cururupu tem grande representatividade na cultura popular, com o bumba-meu-boi sotaque costa de mão, além de vários grupos de tambores de crioulas, a festa de São Benedito,

encontro de carros de bois, etc. É uma cidade que possui uma grande diversidade cultural, sem falar da sua beleza natural. Na ilha dos Lençóis está a praia mais famosa, que além de ser exuberante por suas paisagens naturais, é uma das moradas do Rei Sebastião, considerado o chefe da pajelança.

A metodologia que utilizo é a História Oral, baseando no método da pesquisa de campo, utilizando as entrevistas para (re) construção e análise de histórias de vida. Nesse sentido para Portelli, "a História Oral, que é um dentre os muitos procedimentos metodológicos de construção do conhecimento histórico, tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos". (PORTELLI, 1991. p.16). De acordo, com Neves, "a História Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado, contribuindo para a construção da consciência histórica individual e coletiva". (NEVES, 2000, p. 115).

Para a construção da monografia, trabalho com dois perfis de pajés que possibilitam um entendimento de aspectos da dinâmica que envolve a pajelança. A escolha ocorreu primeiramente pela tentativa de compreender os diferentes caminhos dos pajés ao aceitar o seu dom, os tratamentos realizados, a sessões de cura, etc. Escolhi trabalhar com Seu Betinho por sua visibilidade entre os antropólogos e pela sua projeção entre as várias vertentes da religião afro. Já Seu Edmir, por apresentar um perfil oposto, por não haver despertado interesse entre os pesquisadores renomados e por ter sua prática de cura restrita à pajelança.

As entrevistas foram realizadas com pessoas que já participaram ou participam da pajelança, a seleção ocorreu independeu do sexo, da faixa etária e da cor. Buscando entender a relação de sujeitos plurais com essa religiosidade.

A monografia estar dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo inicia-se com uma discussão dos diversos olhares acadêmicos sobre pajelança e como esse processo se desenvolve na cidade de Cururupu com as influências de outras práticas religiosas.

O segundo capítulo faz uma análise da prática da pajelança na cidade de Cururupu, envolvendo todos os elementos que se fazem presentes no ritual. As festas, as indumentárias, as doutrinas, o pajé, os encantados, etc.

O terceiro capítulo aborda o ser pajé, confrontando a história de vida do Seu Betinho e Seu Edmir, dois pajés com perfis diferentes que em toda sua trajetória no campo religioso passaram por momentos de aflições, experiências e aprendizado. Interpretamos neste capítulo histórias que se entrecruza com o mesmo ponto de partida, a aceitação do seu dom.

O quarto capítulo aborda a arte de curar. As formas de tratamentos usados pelo pajé, desde procedimentos mais simples como, por exemplo: benzimento, defumação, um banho, etc., além do próprio encruzo que significa o processo de iniciação dos pajés para ter o firmamento na Terra.

2. A PAJELANÇA: interpretações e prática.

Neste capítulo abordamos brevemente as diversas interpretações sobre a pajelança no Maranhão e no Brasil, produzidas por pesquisas nos campos da História e da Antropologia. Fazemos também uma ligeira descrição e problematização das transformações na prática da pajelança, com a introdução de novos elementos no barração, na indumentária etc. Sinalizamos, ainda, sua ocorrência similar além fronteira e as trocas e confluências com outras religiões com o Catolicismo, a Umbanda e o Espiritismo.

Finalmente, fazemos uma ligeira digressão pela história do conceito de sincretismo, sinalizando momentos de rejeição e usos racistas no meio acadêmico. Atualmente, com sua ressemantização, este parece uma ferramenta conceitual adequada para a compreensão da complexidade da pajelança.

2.1 A PAJELANÇA: olhares e fazeres

"A pajelança será na hora que a pessoa tiver fazendo os seus trabalhos, aí é uma pajelança. A pajelança é quando nós tamos curando, estamos fazendo uma pajelança." (Seu Betinho, 2015).

Nesse primeiro capítulo serão analisados os diversos olhares de pesquisas acadêmicas sobre a pajelança. Olhares que indicam a especificidade da interpretação de cada pesquisador, que em alguns momentos se complementam e, em outros, se afastam. Como cada pesquisador constrói seu objeto de pesquisa a partir de um ponto de vista e de um aporte teórico-metodológico específico. O objetivo do capítulo é pensar a construção da pajelança como objeto de estudo e conceito, não implicando no sentido de buscar uma origem ou uma autenticidade, mas sim refletir sobre a dinâmica interpretativa que buscou reconstruir e problematizar essa prática que envolve outras expressões culturais e religiosas.

Podemos dizer que os primeiros trabalhos que se referem à pajelança foram escritos por missionários retratando o comportamento e o cotidiano dos índios tupinambás. Sua cultura

_

¹ BURKE, Peter "O que é história cultural?" Problematiza a redescoberta e uma redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas sobre a Nova História Cultural. Nesse sentido, utiliza o conceito de cultura que implica na ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados para uma geração seguinte. A ideia de representação passou a dar maior atenção à de construção, seja da realidade do cotidiano ou das manifestações artísticas e simbólicas como pátria e nação.

causou um estranhamento nos missionários, que viram suas práticas como uma aberração. Os índios utilizavam a cura, usando ervas medicinais encontradas na própria mata. Além disso, o pajé fazia uso de procedimentos terapêuticos para sanar as doenças das aldeias. Na sua religião cultuavam espíritos da natureza e seus ancestrais.

A *posteriori* irão surgir outros trabalhos feitos por folcloristas, historiadores e antropólogos interpretando a pajelança através de abordagens diversas; alguns classificam a pajelança como indígena ou africana, rural ou cabocla, identificando os elementos que mais se sobressaem nessa prática.

A historiadora Laura de Melo e Sousa (1986) analisando a história do Brasil Colonial constatou o curandeirismo estava associada à prática do mau, não sendo vista com bons olhos pela sociedade "elitista". O curandeirismo era muito comum entre os índios, os africanos e os mestiços. De acordo com a autora, esses povos foram os grandes curandeiros da América Portuguesa. Essa prática começou com o processo de curar utilizando procedimentos como ervas medicinais, banhos, benzimentos, etc. Essas práticas terapêuticas eram associadas à feitiçaria² e foram duramente combatidas nesse período. Os limites deste trabalho não permitem a discussão do processo de repressão e da associação do curandeirismo à feitiçaria ocorrido no princípio de suas práticas nos tempos do Brasil Colonial.

O universo que envolve a pajelança se torna místico e sobrenatural, englobando práticas mágicas e permeando o *imaginário social* sedimentado através da memória³ que se reproduz dos mais velhos aos mais jovens, principalmente através de exemplos e narrativas orais.

Nas religiões afro-brasileiras, e na própria pajelança, não há um livro com as suas fundamentações religiosas, os fundamentos são passados oralmente de geração a geração, perpassando pela oralidade. Toda a sabedoria que o curador/pajé possui foi adquirida através de sua vivência no campo em que está inserido.

Ao analisar as interpretações da pajelança, Raimundo Souza Araújo (2015) referindo-se a Costa Eduardo (1943) comenta que a pajelança, a princípio foi interpretada como origem indígena. O autor apresentou alguns elementos sobre essa teoria como a própria etimologia tupi, as entidades tupis que estariam presentes nos rituais. Além disso, destaca a sucção realizada pelos pajés indígenas que também é usada pelos pajés nos terreiros.

³ A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, J., 2003).

٠

² Termo usado para designar comportamentos e rituais heterodoxos, tanto de origem indígena e africana, quanto europeia. (FERRETTI, M., 2001).

As pesquisas ao longo dos anos foram apresentando novos elementos que contribuem para um entendimento mais profundo da dinâmica cultural que envolve a pajelança, um "mundo" que engloba tantas particularidades e um significado de saber religioso.

Diversos aspectos da prática dos pajés parecem apontar de alguma maneira para uma relação entre a pajelança e o xamanismo ameríndio, e mais especificamente tupiguarani: o transe de possessão com entidades espirituais, inclusive espíritos de animais, tidas como de origem indígena; a utilização de elementos físicos tidos como de origem indígena, entre os quais se destacam o maracá e o penacho; a ênfase no aspecto curativo da pratica religiosa; a utilização, na atividade curadora, de técnicas tidas como de origem indígena, entre as quais se destacam: soprar fumaça, especialmente de tabaco, e a sucção de substâncias patogênicas com a boca. (PACHECO, 2004, p. 39).

De acordo com Gustavo Pacheco (2004, p. 40), "descrever os processos de formação histórica da pajelança maranhense ou qualquer manifestação da encantaria brasileira como fusão pura e simples de traços culturais, através de termos como 'sincretismo' e 'hibridação', é fornecer um rótulo cômodo, mas sem grande poder explicativo".

Pacheco argumenta que a pajelança remete a uma herança indígena, pelas similaridades de alguns procedimentos praticados pelo pajé, porém afirma ser complicado trabalhar com a formação da pajelança ou encantaria brasileira, por ser perpassada por muitas ambiguidades.

Podemos perceber a mistura da pajelança indígena e da pajelança já sincretizada com outras práticas e manifestação religiosa através das sucções de "porcarias" com a boca, a utilização das ervas medicinais, etc. Analisando esses procedimentos isso ocorre pela transmissão de conhecimentos através da oralidade, da ajuda das entidades presente na pajelança.

Analisar a encantaria é ambíguo como Gustavo Pacheco comenta, pois a encantaria é muito vasta, ou seja, há número significativo de encantados que descem nos terreiros, diferenciado por suas linhas ou correntes. É interessante correlacionar alguns lugares onde a encantaria se faz presente: na região da Amazônia e no Pará são diferentes dos encantados do Maranhão, embora sempre haja um que circule por todos os lugares, como o Rei Sebastião. Nesse sentido, o mundo da encantaria se torna rico devido a essa grande diversidade de elementos simbólicos que fazem parte desse cosmo.

No Maranhão, a pajelança está inscrita no universo afro-religioso, tanto pelos participantes, pajés⁴ e consulentes quanto pelos pesquisadores das diversas áreas de conhecimento. Os participantes dos terreiros descrevem como principal função da pajelança o equilíbrio geral - corpo e a alma – através da força das ervas e do poder dos encantados. Contudo, sua função não se resume ao tratamento de doenças. Seus

-

⁴ No Brasil, esse termo é geralmente considerado de origem tupi e é atribuído a especialistas médicos- religiosos indígenas, caboclos ou por eles influenciados, da área rural ou subúrbios das cidades. (FERRETTI, M., 2004.).

domínios abrangem o entretenimento, estilos de vida e visões de mundo que constituem um universo religioso com representações e códigos próprios. (MOTA, 2009, p. 46.).

De acordo com a visão de Christiane Mota, a pajelança está inclusa em um campo bem maior que não envolve somente a prática em si, mas todo um conjunto entre o corpo e a alma, fazendo com que ambas entrem em equilíbrio.

É interessante essa abordagem do corpo e da alma, pois o pajé com auxílio das entidades, sobretudo os encantados⁵ trabalha o corpo, e o corpo dentro da religião afro é considerado sagrado. Partindo desse pressuposto do sagrado, a cabeça é a parte mais importante, pois é nela que se carrega o santo, a força (axé) está localizada na cabeça. Ou seja, é na crôa (cabeça) que a forças das divindades vem para auxiliar o pajé. O elo entre a entidade e o pajé é o corpo, tornando-se instrumento e por isso, há todo um cuidado para resguardar esse corpo.

Discutir ou analisar o significado do termo pajelança é uma tarefa árdua. O grau de complexidade se dá pelas múltiplas práticas envolvidas. Ao mesmo tempo em que alguns pesquisadores interpretam como uma herança indígena, para outros a pajelança não está inserida nesta definição. É interessante que para alguns antropólogos é necessário fazer a distinção entre a pajelança indígena e a pajelança africana, e para outros pesquisadores o necessário é compreender as duas práticas associadas. Refletir acerca dessa problemática é de fato enriquecedor, pois conhecemos as particularidades de cada abordagem.

De acordo com as análises de Mundicarmo Ferreti apesar de atualmente em muitos terreiros maranhenses a pajelança ser de origem ameríndia e de pais-de-santo que tem linhas de cura/pajelança fazerem uso de técnicas terapêuticas usados por pajés indígenas, a pajelança de negro do século XIX, como a de Amélia Rosa⁶, parece independer da pajelança indígena.

Podemos perceber que a pajelança do negro como Mundicarmo Ferretti analisa é totalmente diferente da pajelança indígena, isso ocorre porque as práticas diferem uma da outra, ou seja, o próprio ritual é demarcado por características diferentes. Na pajelança indígena o ritual consiste em cultuar os espíritos da natureza; na pajelança sincretizada cultuam-se encantados e caboclos. Além disso, os instrumentos usados nas sessões variam como: cabaças, maracás, tambores, etc.

⁶ Amélia Rosa foi uma pajoa presa por praticar sevícias, termo utilizado no século XIX como sinônimo de maus tratos.

.

⁵ Encantado é um termo genérico pela qual são conhecidas as entidades espirituais recebidas em terreiros maranhenses, como voduns, orixás, gentis e caboclos. Encantado também significa uma categoria especifica de seres espirituais, são humanos que desapareceram misteriosamente ou que se tornaram invisíveis, "encantandose" [...]. Também é comum utilizar-se como sinônimo de invisível. (FERRETTI, M., 2000).

Conforme as pesquisas da antropóloga Mundicarmo Ferretti existem dois tipos de pajelança: uma encontrada em terreiros de curadores de Cururupu e outra no terreiro de mina em São Luís. Isso pressupõe que existem dois modelos diferentes de pajelança, de acordo com as suas análises. Nessa perspectiva a antropóloga afirma que nos terreiros de mina em São Luís a pajelança é um ritual de passagem⁸, dependendo do terreiro esse ritual pode ocorrer uma vez ao ano. Nesse ritual os pais e mães de santo dão passagem para as entidades descerem de forma aleatória, ou seja, não há uma hierarquia.

É importante frisar que cada pajé utiliza suas técnicas durante o ritual e com isso a pajelança pode variar de terreiro para terreiro e de sessão para sessão. Ou seja, depende muito do trabalho que está sendo realizado, pode ser uma festa para uma determinada entidade ou uma cura para sanar a doença de alguma pessoa. São exemplos de trabalhos que variam muito e por isso, confirmando a questão da especificidade de cada rito.

Levando em consideração toda essa discussão sobre as interpretações da pajelança, as sessões e os seus elementos que fazem parte do ritual, etc., fica evidente que cada pesquisador trabalhou a pajelança utilizando as fontes disponíveis, seguindo sua abordagem teórica e metodológica. Alguns apresentaram elementos que corroboram para uma pajelança indígena, outros para uma pajelança africana e, pesquisas mais recentes, mostram a pajelança agregada com outras práticas.

Todos esses meios que envolvem a pajelança passaram por ressignificações que contribuíram muito para uma nova perspectiva de pajelança que temos hoje, mas isso não aconteceu de forma rápida, aos poucos esses novos elementos foram inseridos nesse campo.

A inserção de novos elementos - como a transformação na estrutura física dos barracões - na prática da pajelança vem contribuindo para o seu processo de reinvenção. A maioria dos barracões de pajelança são de chão batido, salões amplos, mas, devido a essa nova roupagem, os salões são cimentados e outros revestidos com lajotas. Além disso, todas essas mudanças interferem na *performance* do pajé, nas indumentárias, ou seja, podemos perceber em alguns detalhes dessa nova estruturação.

Ainda dando ênfase a outros elementos de inserção dessa nova estruturação, nos terreiros é notória a utilização de novos instrumentos durante o ritual, o desempenho e as indumentárias ao longo do tempo foram se modificando. Para alguns pajés foram de grande relevância essas modificações, porém para outros atrapalham diretamente na sessão de cura.

-

⁷ No Tambor de Mina Nagô as entidades caboclas da pajelança estão presentes no ritual seguindo a ordem hierárquica da casa, nesse sentido descem os voduns, orixás, nobres, fidalgos e os caboclos.

⁸ Ritual de passagem acontece uma ou duas vezes no ano nos terreiros de mina, dando passagem aos encantados.

Trazendo essa discussão sobre a prática da pajelança no tempo presente, percebemos como foi impactante a introdução de novos elementos. Isso ocorre pelo fato da cultura estar sempre em transformação.

Existe uma vasta literatura sobre as religiões de matrizes africanas no Maranhão que contribuem e enriquecem esse leque de abordagens sobre essas manifestações religiosas. Uma das principais pesquisadoras nesse meio da literatura religiosa e sobre o universo da pajelança é a antropóloga Mundicarmo Ferretti.

De acordo com Mundicarmo Ferretti (2008) "os termos cura e pajelança são usados para designar um sistema médico-religioso tão antigo ou mais antigo que o Tambor de Mina⁹, encontrado na capital e em outros municípios maranhenses, onde o curador ou pajé, em *transe* ¹⁰inspirado por entidades espirituais, faz diagnóstico; trata enfermidades; prepara medicamentos naturais, a partir de flora e fauna brasileira; e receita alguns remédios produzidos pela indústria farmacêutica, de uso não controlado pelo sistema oficial de saúde ("fortificantes", como Biotônico, purgantes, como Água Inglesa e outros)".

Corroborando com a visão de M. Ferretti, Raimundo Inácio Souza Araújo (2015), comenta que a "pajelança corresponde a esse conjunto diversificado de práticas lúdico-terapêutico-religiosas, que entrecruza referências de diferentes tradições culturais, notadamente do tambor de mina e do catolicismo popular, e que tem na proeminência do negro seu denominador comum".

Essa abordagem que M. Ferretti e Inácio Araújo Souza explanam é interessante pensar, pois o pajé assume um papel de médico, mas não um médico com saberes científico e sim, com saberes adquiridos pela sua experiência de vida. É importante salientar que o pajé e a pessoa (consulente) mantém uma relação seja ela de clientelismo¹¹, quando é somente por buscar tratamentos, ou de amizade. A relação de amizade se fortalece pelo fato do cliente estreitar laços com a participação nas festas que ocorrem no barracão, desempenhando um

⁹ O tambor de mina, manifestação de religião afro-brasileira, surgiu no Maranhão, provavelmente, com a Casa das Minas Jeje e Casa de Nagô, fundadas por africanas, em meados do século XIX. Entre outros aspectos caracteriza-se pelo transe ou possessão, em que as entidades sobrenaturais incorporam-se ao som dos tambores e outros instrumentos, em participantes, principalmente mulheres. (FERRETTI, S. 1996).

¹⁰ O transe mediúnico é um elemento central e estruturante desta religião, sendo encarado como mudança de identidade, geralmente acompanhado de alteração da vontade, da memória e da consciência. O transe na Mina tem normalmente grande duração e não é facilmente percebido por pessoas que não conhecem os médiuns ou as entidade espirituais que se manifestam neles. Nos transes com caboclos há maior comunicação entre pessoas incorporadas e não incorporadas. Ver: FERRETTI. S.; FERRETTI, M. Transes nas religiões afro-brasileiras do Maranhão. Caderno de pesquisa. São Luís, v.11, n.1, p. 106-127, jan./jun. 2000.

¹¹ O termo clientelismo é usado pelo pajé para designar as pessoas que procuram o pajé para um determinado serviço, seja por uma doença física ou espiritual.

papel de utilidade em alguma função e também por adquirir confiança e uma aproximação com o pajé que, com o passar do tempo se estreita.

Muitos pajés são chamados de doutores do mato, é uma expressão muito comum, devido ao conhecimento das ervas medicinais utilizadas nos tratamentos de doenças e pelo fato de algumas entidades trabalharem somente com essas ervas na cura de doenças.

Outra questão muito discutida diz respeito à pajelança ser uma prática tão antiga quanto o Tambor de Mina como M. Ferretti aponta. Isso remete ao quanto é vista como "tradicional". Nesse sentido, "tradicional" não assume a perspectiva de autenticidade, pureza, mas sim, corresponde que a pajelança é "imemorial".

É importante retroceder ao período republicano, pois as pessoas que estavam inseridas nas manifestações religiosas afro eram associadas como bruxos, feiticeiros, charlatões, etc. Podemos analisar esse olhar do outro como um constructo histórico, que gera estranhamento e aversão. No caso da pajelança, sobressaem representações depreciativas, conforme Antonio Evaldo Barros:

Visto de modo indutivo, mãe-de-santo/pai-de-santo, pajé, macumbeiro (a), feiticeiro (a), bruxo (a), de um lado, eram acusados de conduzir artes diabólicas e, de outro, eram visto como marreteiros, chantagistas, desajustados, cachaceiros, doentes sexuais e feios. Enquanto a imprensa laica insistia nas ultimas representações, a imprensa religiosa intensificava a primeira, embora, por diversas vezes, ambas unissem aquele conjunto de percepções depreciativas, não raro acrescentando-lhe outros elementos congêneres, como, por exemplo, a acusação contra agentes da religiosidade popular que seriam responsáveis pela morte de pessoas ou pelo atraso social da região. (BARROS, 2007, p. 195).

A pajelança tem um paralelismo com várias outras práticas religiosas que somam com essas representatividades. Muitas vezes tem semelhanças com outras manifestações religiosas em outros estados brasileiros e também, com outros países. Dessa forma podemos perceber o encontro dessas culturas além-fronteiras¹².

De acordo com a interpretação de Antonio Evaldo Barros (2007), a pajelança é equivalente ao catimbó¹³ (Jurema) em Pernambuco e ao candomblé-de-caboclo¹⁴ na Bahia, a pajelança que também guarda algumas semelhanças com o culto a Maria Lionza, na Venezuela, e o espiritismo de Cordón, em Cuba, referem-se a um conjunto de práticas e

Catimbó é um conjunto de práticas religiosas brasileiras, oriunda de raiz indígena e com diversos elementos do cristianismo e, dependendo do lugar onde é praticado, influencias africanas também são notáveis. Disponível em https://joaobosco.wordpress.com

.

¹² Denomino além-fronteiras por essa prática ocorrer em vários locais espacialmente distantes e culturalmente próximos.

¹⁴ Para Oneyda Avarenga, o catimbó, o candomblé-de-caboclo e a pajelança são tomadas como religiões populares, misturada ao catolicismo, kardecismo, feitiçaria afro-brasileira e costumes indígenas, sendo este último elemento que constitui a parte principal e caracteriza esse culto. (QUINTAS, G., 2007).

representações que engloba diversos elementos da cultura e religiosidade populares do Maranhão, especialmente do catolicismo popular e do tambor de mina, e, possivelmente, reminiscências de costumes ameríndios.

Na Amazônia essa prática se difundiu amplamente entre os caboclos e ocupa lugar significativo na cultura popular dessa região. Comparando a pajelança cabocla na Amazônia com a pajelança encontrada na cidade de Cururupu, há semelhanças bastante significativas.

O antropólogo Raymundo Heraldo Maués direciona sua pesquisa à região do Salgado, no estado do Pará, na qual existe o culto aos santos católicos, particular e público, e, nos rituais dos encantados, que seria a pajelança rural ou cabocla.

Em sua pesquisa, Maués (2005) aponta que a pajelança cabocla, possui também origem indígena (Tupi), pois nela a incorporação (a tomada do corpo do xamã pelas entidades que vem para curar os doentes) tem uma importância fundamental: não é o xamã que cura, mas sim os encantados ou caruanas¹⁵ que agem, tendo seu corpo como instrumento. Mas a pajelança cabocla é também influenciada pelo cristianismo e pelas crenças e práticas de origem africana, assim como por concepções e lendas de origem europeia (não necessariamente ligadas ao cristianismo). Os pajés, entretanto, de modo geral, consideram suas crenças e práticas como parte integrante do catolicismo que exercitam, não se considerando como sacerdotes de um novo culto, ou um culto concorrente do catolicismo.

Um ponto de grande relevância que Maués aborda na região do Salgado e se observa também na cidade de Cururupu: os pajés preferem ser chamados de curadores, pois o termo pajé é visto como pejorativo. Isso pode ter ocorrido pelo preconceito do próprio pajé e da sociedade de modo geral e também, pela intolerância religiosa.

O termo pajé também pode ser associado não somente a um chefe sacerdotal, mas também, quando ocorre pajelança no barracão. São comuns as pessoas das cidades da Baixada ¹⁶ falar que vai ter pajé na casa de "fulano de tal". O pajé, portanto, é usado para designar tanto o praticante como a sessão de cura. A categoria pajelança é mais comum no meio acadêmico do que nos barracões.

É interessante notar que mesmo tendo diferenciações sobre o ritual da pajelança indígena, da cabocla e do negro, podemos perceber que ao mesmo tempo elas se complementam, tornando-se essa classificação ambígua e inconsistente. A diversidade dentro

_

¹⁵ Na região do Salgado em Pará, caruanas é o mesmo nome dado para designar encantados. Diferentemente da cidade de Cururupu, caruanas são chamados bichos d'água, muito conhecidos pelos pajés quando se tratam espíritos do mau.

¹⁶ Sobre esse fato em Bequimão, vide Mota (2009). Nas pesquisas de campo em Cururupu também é comum dizer essa mesma expressão.

da pajelança ocorre pelas intensas trocas culturais existentes no Brasil, que contribuíram significamente para nossa cultura.

Ainda de acordo com Maués (1995), apesar da forte influência indígena, a pajelança, hoje, integra um novo sistema de relações sociais, incorporam crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, recebendo atualmente fortes influências da umbanda.

Reiterando as palavras de Maués, essa concepção da pajelança é a que figura hoje nos barracões dos pajés/ curadores da cidade de Cururupu. Percebi durante o trabalho de campo que a prática do Espiritismo Kardecista está muito presente nos rituais da pajelança. Nessa perspectiva muitos pajés trabalham com essa doutrina religiosa. "Eu trabalhava com esse lado de mesa, eu trabalho de ambos os lados!" (Seu Betinho, 2015). Na fala de Seu Betinho os seus primeiros trabalhos foram de mesa branca, característica do Espiritismo. A Umbanda já é uma religião afro-brasileira que surge no século XX, e assim como as outras religiões afro-brasileiras, possui suas particularidades. O que se assemelha entre a Umbanda, Kardecismo e a pajelança são a sessão de mesa branca, na qual descem os guias espirituais. Na sessão de pajelança essa prática é chamada de linha astral, onde baixam espíritos de mortos. É evidente que cada uma dessas manifestações possui suas próprias características, seus fundamentos.

De forma geral analisando a pajelança no sentido macro a partir do Maranhão e algumas considerações da região Norte, podemos elencar que a pajelança cresce em torno de várias outras religiões e práticas que se difundiram pela capital e interior.

A pajelança antes de tudo era somente uma prática na qual o pajé, com o auxílio de seus encantados e com os tratamentos terapêuticos, buscava ajudar ou curar as pessoas e também realizar as suas obrigações perante seus guias espirituais.

A pajelança atualmente na cidade de Cururupu está inserida no contexto religioso do Catolicismo Popular, influenciada pelo próprio Tambor de Mina, o Espiritismo Kardecista e a Umbanda. O ritual em Cururupu ganha, portanto, traços peculiares, próprio da cidade.

A prática da pajelança é muito difundida na Baixada maranhense, como no município de Pinheiro, Viana, Guimarães, Bequimão, entre outros e na parte do litoral ocidental onde está localizada Cururupu. Entre encantados e praticantes, ressalta-se peculiaridades da pajelança em Cururupu: "Em Cururupu a pajelança é mais alegre, as pessoas cantam, dançam, participam da festa" (encantada Mãe Maria¹⁷).

_

¹⁷ Mãe Maria é uma encantada que desce nos rituais de pajelança. De acordo com seu depoimento é filha de escravos vindo da África. Suas cores nos guias são: preta, branca e vermelha. Entrevista coletada no dia 23/05/15 na crôa da discípula dona Moça do terreiro de Santa Bárbara.

De acordo com o depoimento da encantada Mãe Maria no terreiro de Santa Bárbara, a pajelança em Cururupu se destaca pela alegria de todos participarem, dançando, cantando, ou seja, diferente de muitas sessões de cura que as pessoas não participam com tanta veemência. É importante perceber o esforço de demarcar especificidades e qualidades dessa prática nos barrações na cidade, remetendo a movimentos de instituição de identidades.

A *priori* a pajelança não tem o intuito de somente curar, no entanto com agregações de outras práticas, torna-se uma festa que envolve elementos de diversas manifestações religiosas, com duração de três ou mais dias dependendo do pajé e da entidade que está sendo festejada.

Ainda sobre as trocas culturais, vale ressaltar que assim como os índios, os europeus e os africanos também foram de grande importância para a nossa cultura, perpetuando e difundindo um variado legado cultural. Essa difusão pode ser com a música, a dança, os instrumentos, a própria religião, etc., é um conjunto de elementos que formam esse panorama mágico, místico que cada vez mais envolve pessoas buscando entender esse universo.

Todos esses pesquisadores utilizados para analisar os olhares sobre a pajelança foram de grande relevância para compreender a dinâmica de classificações, reclassificações e suspensão de classificações.

2.2 SINCRETISMO RELIGIOSO?

Estudar as manifestações religiosas afro-brasileira leva a um conceito bastante discutido: o sincretismo. Para alguns pesquisadores o sincretismo estava associado à concepção de degeneração dos negros ou a enfatizar a pureza de uma religião sobre a outra, a autenticidade, etc.

Quando se começa a entrar em contato com trabalhos sobre as religiões dos negros no Brasil, é inevitável se deparar com as mais diferentes utilizações do termo sincretismo. O mesmo conceito assume diferentes significados, desde as primeiras décadas do século XX, quando Nina Rodrigues começa a estudar as práticas religiosas de descendentes de africanos no Brasil. (SAMPAIO, p. 230).

De acordo com Sérgio Ferretti (1995), no seu livro "Repensando o sincretismo", o mesmo faz uma abordagem sobre a vasta literatura sobre o sincretismo e ao mesmo tempo, como esse tema ainda se faz desinteressante para alguns pesquisadores. Trabalha com análises de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Costa Eduardo, entre outros. Pesquisadores que buscavam uma autenticidade, uma pureza na religião de matriz africana.

O sincretismo tem sido bastante discutido entre nós; é curioso, entretanto que, justamente aqui, haja tanta rejeição ao conceito. Como afirmamos antes, o sincretismo é palavra considerada maldita, que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos, ou imposição de evolucionismo e do colonialismo. (FERRETTI, S., 2012, p. 282).

Ainda sobre as análises de Sérgio Ferretti, o mesmo sistematiza esse processo de sincretismo em cinco fases. A primeira foi embasada na teoria evolucionista, com Nina Rodrigues; a segunda seria a teoria culturalista, com Arthur Ramos e seguidores; a terceira seriam explicações sociológicas com Bastide e seus seguidores; a quarta fase se desenvolve na década de 70 e 80, ao século XX, analisa o mito da pureza africana. Já a quinta fase, que inclui pesquisadores atuais, a partir da década de 80, que estão preocupados em estudar o catolicismo popular ou as religiões populares, em geral, dedicando pouca atenção ao processo do sincretismo. Nesse sentido, as religiões afro-brasileiras se tornaram conhecidas por sua diversidade.

Essas fases levantadas por Sérgio Ferretti são de grande relevância, pois cada uma explica a inserção do negro, dentro do sistema sociocultural e religioso existente no Brasil. É interessante perceber que cada um analisa elementos que possam direcionar a um entendimento sobre a questão do sincretismo religioso.

Muitos trabalhos realizados até a década de 1980 enfatizaram esse olhar negativo sobre o processo de sincretismo religioso nas religiões de matriz africana. De acordo com Gabriela Sampaio (2000) "um dos maiores problemas foi o uso do sincretismo como amálgama, mistura de elementos de diferentes origens culturais, no sentido de uma união artificial de ideias disparatadas, uma fusão de elementos antagônicos, o que acabaria gerando uma promiscuidade cultural, em um tipo de análise sobre formas culturais muito permeada por julgamento de valor, considerando culturas de acordo com graus e padrões de civilidade".

Segundo Bastide (1971), o sincretismo seria uma interpenetração de civilizações, utilizando os conceitos de resistência, conservação, adaptação, assimilação e contraculturação.

Esse olhar negativo foi acionado por Nina Rodrigues e outros pesquisadores que associavam a figura do africano com a degeneração. O índio por sua vez, era deixado de lado, porque também era visto como incivilizado. Essas ideias foram muito difundidas no século XIX, por serem respaldadas por teorias raciais.

A historiadora Lilia Schwarcz (1993) analisa como a elite brasileira da segunda metade do século XIX buscava atingir um grau de civilidade e se espelhava na sociedade francesa. Nesse sentido muitos pesquisadores procuravam enaltecer a sociedade brasileira, afastando elementos que não condiziam com a civilização e o progresso.

Essa desconfiança com o conceito de sincretismo parte muito dos próprios pesquisadores, pois para os pajés e as pessoas que frequentam o barração, o sincretismo é uma associação de cultura que contribuiu para a prática religiosa. Nessa perspectiva o sincretismo não é visto de forma negativa e sim de forma positiva, pois através dele houve uma inserção de novas práticas e também de novos elementos. Elementos do catolicismo, espiritismo, etc.



Foto: Altar sincrético do terreiro de Santa Bárbara.

Na foto do altar sincrético do terreiro de Santa Bárbara do pajé Seu Edmir, percebemos algumas imagens de santos católicos que são associados com algumas entidades e a realização das festas em detrimento para esses santos. Por exemplo: São Cosme e Damião, Nossa Senhora da Guia, São Jorge, São Sebastião, entre outros. Antes da sessão acontecem as rezas, as ladainhas, etc. Sob vários aspectos o sincretismo contribuiu para dinamizar a pajelança.

Toda essa representatividade da pajelança é intrínseca para compreender um pouco desse universo que engloba vários elementos, como as entidades, o pajé, os discípulos, as pessoas que participam. Uma prática que perpassa pelos mistérios, segredos, uma fundamentação que muitas vezes está além do nosso entendimento enquanto pessoas que estão de fora da religião.

Tentando compreender essa dinâmica da pajelança as pesquisas acadêmicas foram de suma importância, pois através dela podemos ver a diversidade da pajelança, seja ela vista como indígena, africana ou sincretizada.

Juntando todos esses elementos que fazem parte da pajelança podemos perceber que essa manifestação é importante para as pessoas que participam e também contribui para nossa cultura. O Maranhão apresenta grande diversidade religiosa de matrizes africanas e afrobrasileiras. Todas enriquecem o panorama sociocultural-religioso. É interessante notar que as práticas religiosas são passadas e ressignificadas de geração a geração através da oralidade. Não se deixa "morrer" e complexifica-se, cada vez mais, essa tradição.

3 A PAJELANÇA NA CIDADE DE CURURUPU

3.1 AS FESTAS

O calendário festivo dentro do barração é bem vasto, pois além das festas anuais, são realizadas as festas de obrigações. As festas anuais são abertas ao público, na maioria das vezes as festas de obrigações podem ser restritas somente para o pajé e, em outras ocasiões são abertas para o público presente.

Dentre as festas que ocorrem no barracão as mais populares são: Santa Bárbara, considerada rainha da encantaria maranhense, São Cosme e Damião, São Sebastião, São Benedito, entre outros. Além disso, é realizada a festa do Divino Espírito Santo, manifestações populares como tambor de crioula e bumba-meu-boi.

Em Cururupu a festa mais expressiva que ocorre no barração é a Festa do Divino Espírito Santo. A Festa do Divino Espírito Santo dentro dos barrações é realizada de acordo com a entidade na qual a festa é destinada. É uma festa de obrigação em detrimento para um encantado e devido a isso, não tem uma data específica para acontecer. Toda a estrutura que é feita, desde a cor para enfeitar, o mastro, as roupas do império, etc., são ditas pelo próprio encantado.

Destacamos alguns pontos da festa que se assemelham as que se realizam no catolicismo, citando o levantamento do mastro, a abertura da tribuna ou altar, as rezas e ladainhas, a presença das caixeiras, o império é composto por crianças representando rei e rainha, imperador e imperatriz, além dos anjos e mordomos. O banquete faz parte também da festa, servem bolo, chocolate, refrigerante e suco no período da manhã. Logo ao anoitecer acontece a procissão pelas ruas. Após a procissão servem o jantar e por fim, realiza-se o tambor. No final da festa há o derrubamento do mastro e encerra-se com o tambor no barração.

Ainda sobre as festas que são realizadas em detrimentos da relação dos encantados e com os santos católicos, temos a festa de São Cosme e Damião. Uma festa de obrigação que se paga dando bombons, bolo, refrigerantes para as crianças.

No terreiro de Nossa Senhora da Guia¹⁸ em Cururupu a Festa do Divino é realizada no mês de dezembro, fazendo homenagem a Nossa Senhora da Guia e ao encantado Dadinho¹⁹, nos capítulos posteriores comentarei com mais detalhe sobre a festa.

¹⁸ Nossa Senhora da Guia é a Padroeira dos Navegantes. Seu culto foi espalhado pelo mundo, sendo considerada a Guia e Protetora do Povo de Deus. Na religião afro, N. S^a. Da Guia pode ser sincretizada com Oxum, embora o

No dia 13 de maio é realizada uma festa de grande importância para as religiões afro e é um marco dentro da história do Brasil, pois nesse dia é comemorado o fim da abolição. Durante a festa no barração é referenciado a Preto Velho e Preta Velha. Entidades que foram escravas e quando descem no terreiros, sempre passam algum tipo de ensinamento, são ótimos curadores utilizando as ervas medicinais nos tratamentos de doenças.

Outra festa que é bastante significativa no barração de cura é a festa de Santa Barbara²⁰. Esta se realiza no mês de dezembro, precisamente no dia 4. Esta santa tem grande importância na religião de matriz africana no Maranhão, por ser considerada rainha da encantaria maranhense.

Uma festa de grande relevância que ocorre em todos os barrações de cura não somente em Cururupu, mas no Maranhão e também na região Norte, é a festa do Rei Dom Sebastião. Um encantado muito cultuado dentro dos terreiros afro-brasileiro. Para alguns curadores o Rei Dom Sebastião é considerado chefe da Pajelança, pois desce na maioria dos terreiros de cura. Além disso, existe uma lenda que envolve a figura do rei e afirma que sua figura é muito vista na Praia dos Lençóis, considerada uma de suas moradas.

A lenda é bastante conhecida no Maranhão. O desaparecimento do rei português Dom Sebastião na batalha de Alcácer Quibir no Marrocos, como seu corpo nunca foi encontrado, encantou-se passando a morar na ilha devido à semelhança dos areais dos Lençóis com a areia do deserto do Marrocos. Essa difusão do sebastianismo²¹ foi muito forte em Portugal e no Brasil.

Dom Sebastião é um encantado de origem nobre (rei) e possui as suas linhagens ou corrente chamada Família do Lençol²², suas festas são realizadas com todas as pompas para homenagear um nobre. A sua representação é na forma de um touro encantado que nas noites de lua cheia aparece para aqueles que possuem o dom de ver.

²⁰ Santa Barbara é comemorada no dia 4 de dezembro, sendo uma santa muito popular no catolicismo. Nas religiões afro-brasileira Santa Barbara é sincretizada com a orixá Iansã. A orixá Iansã é a deusa iorubana dos ventos, raios e das tempestades, domínio que deriva do seu marido Xangô. Sobre o culto a Iansã, a devoção às almas, presente no catolicismo popular, pôde encontrar correspondência na religiosidade dos negros. Ver SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005. Cap. 3 e 4.

de acordo terreiro. Disponível sincretismo pode variar com o lugar em: http://www.institutokirimure.pro.br/wp-content/uploads/2015/10/cartilha_religioes.pdf http://patkovacs.blogspot.com.br/2013/01/hoje-festa-do-bonfim-e-nossa-senhora-da.html

Encantado da corrente de marinheiro. É contra-guia do pajé Seu Edmir.

²¹ Ver FERRETTI, S. "Encantaria Maranhense de Dom Sebastião". Revista Lusófona de Estudos Culturais. Vol. 1, n.1, pp. 262-285, 2013.

²² Reginaldo Prandi e Patrícia Souza apresentam informações sobre a família de Dom Sebastião, também chamada de Família do Lençol, coletada no terreiro de Tambor de Mina em São Paulo. É homenageado no dia de São Sebastião (20 de janeiro), junto com os voduns Xapanã e Acossi. (FERRETTI, S. 2001).

De acordo com o historiador Luís Bandeira, "Lençóis guarda muitos segredos. As pessoas mais antigas da localidade, devido a grande movimentação de pessoas e barulho na ilha, o El Rei Dom Sebastião já se mudou de Lençóis para outro lugar do arquipélago".

"Rei, Rei Rei Sebastião, se desencantar Lençóis} Refrão Vai abaixo o Maranhão (...)"

As doutrinas do Rei Dom Sebastião remetem a sua vida, retratando luta, encantamento, seus filhos e suas moradas. No refrão da cantiga, se Rei Sebastião se desencantar, o seu reino florescerá e toda a ilha de São Luís irá afundar. Essa doutrina permeia o encantamento do rei e a transmissão da sua lenda por meio das estórias contadas pelos habitantes da ilha, do município de Cururupu e por pessoas adeptas do sebastianismo.

De acordo com Luís Claudio Bandeira (2013), "a encantaria ou 'encantoria' é o termo utilizado para fazer referência a todo e a tudo que diz respeito aos encantados, e de forma mais específica para os locais em que estes habitam".

A Encantaria maranhense é permeada de lendas, mistérios e magias. Muitas histórias envolvendo os encantados ou até mesmo os pajés são contadas como forma de experiência, são essas construções que se criam em torno de uma memória.

As festas acontecem para o divertimento dos encantados e pela obrigação dos pajés em relação aos seus guias. Podemos perceber o sagrado e o profano na pajelança. Além disso, nos barrações são comemorados os aniversários dos encantados e guias como forma de obrigação. A pajelança é uma prática religiosa alegre, pois além de acontecer as festas como diversão e obrigação do pajé, as sessões de cura para sanar alguma doenças, os encantados deixam o ambiente mais descontraído.

3.2 O PAJÉ

O pajé é o mais alto cargo dentro do barração, pois é ele que faz o procedimento da cura, delega funções para seus ajudantes, tudo que envolve o barração passa por seu conhecimento. No entanto, o pajé antes de ser o chefe do barração passou por vários percalços na sua vida, desde os preconceitos enfrentados pela sociedade até a não aceitação do seu próprio dom.

Como já foi abordado anteriormente o pajé prefere ser chamado de curador (Maués, 1995; M. Ferretti, 2004), isso ocorre pelo tom pejorativo do termo pajé, justamente pela questão dos preconceitos enfrentados por eles no seu espaço de sociabilidade.

O pajé é uma pessoa que além de ser um chefe de terreiro é um chefe de família, que possui uma profissão, possui problemas como todas as outras pessoas. É interessante notar que a maioria dos pajés se consideram católicos, embora fazendo parte das manifestações religiosas afro-brasileira. Analisando essa problemática, esses pajés se assumem católicos pela recriminação, o preconceito e a intolerância ainda presente na sociedade.

A maioria dos pajés traria o dom de nascença, ou seja, a sua mediunidade vai ser desenvolvida à medida que for crescendo. Ainda criança geralmente é realizado uma segurança a fim de proteger o corpo. Já o pajé de agrado são aqueles que a própria entidade escolhe para 'emprestar' seu corpo e devido a isso, o seu processo de mediunidade se desenvolve à medida que a entidade deseja.

É muito comum nas histórias contadas relatos de pessoas que sumiram e quando retornam o mesmo dizem que estavam em companhia de alguma entidade, tendo ensinamentos, tornando mais forte. Então, essa aprendizagem parte da entidade para o pajé e a partir daí, ele se desenvolve ainda mais, tornando mais forte e tendo firmeza na terra.

O caminho de cada pajé é bastante relativo, a maioria dos pajés sentiu certo preconceito. Este preconceito parte de si mesmo e das pessoas que estão ao seu redor, envolvendo familiares, amigos e pessoas mais distantes do seu círculo de convívio. "Eu não me aceitava como pajé, não queria essas coisas. As pessoas me olhavam diferente, com medo de eu fazer alguma coisa." (Seu Edmir, 2015).

Podemos perceber na fala dos pajés o próprio desconforto de não aceitar seu dom logo no início da sua vida religiosa e com o tempo as coisas se modificam, começam a aceitar seu dom, fazendo as obrigações dos seus guias e ajudando as pessoas em busca de algum tipo de tratamento. Alguns possuem grande reconhecimento como bom curador dentro e fora da cidade e acabam ganhando certa "fama".

Analisando a trajetória de dois curadores na cidade de Cururupu, podemos perceber que embora haja algumas similaridades em suas vidas, os mesmos possuem perspectivas de vidas diferentes.

3.3 OS ELEMENTOS DA PAJELANÇA

Neste tópico abordarei sobre alguns elementos que são bastante perceptíveis dentro da pajelança, como o barracão, as indumentárias do pajé, os instrumentos e as doutrinas cantadas durante a sessão de cura e, o elemento principal que são os encantados.

O barração é a parte física que ocorre a sessão da cura, as festas realizadas para alguma entidade. Dependendo das condições do pajé/curador, o barração pode ter um espaço grande ou pequeno. Descrevendo mais sobre o barração o chão muitas vezes pode estar cimentado ou apenas com terra batida, são enfeitados com bandeirinhas e com algumas pinturas de encantados na parede. Além disso, no salão tem o altar sincrético, os instrumentos que são usados no ritual e bancos para as pessoas sentarem durante o ritual.

É interessante perceber que o barração tem um forte papel durante o ritual, pois nesse lugar concentra grande quantidade de energia. Uma energia que vem através dos encantados que descem dentro da sessão e também, da forca que o pajé possui.

Toda essa energia que se reúne dentro do barração também é através da batida dos instrumentos durante o ritual. Os instrumentos tem grande importância, pois durante o batuque e com as doutrinas cantadas os encantados descem no pajé e nos seus filhos (as) de santos ou discípulos²³.

Os instrumentos mais usados durante a sessão de cura são: pandeiros, cabaças e maracá. Porém, com o processo do sincretismo com outras religiões foram incorporados também o tambor da mata e o abatás. Conhecendo um pouco mais de todos os instrumentos. São eles:

- Pandeiro: instrumento muito usado na sessão de cura. Sua função é deixar a pajelança com o som mais alegre.
- Cabaça: instrumento feito com a fruta da planta como o uruá. É revestida com contas plásticas coloridas em forma de rede e seu som é agudo.
- Maracá: instrumento usado pelo pajé durante o ritual de cura. É feito também da cabaça do aruá. Na parte interior é colocado contas dos próprios guias e um cabo de madeira para dar a sustentação. Seu som é parecido com um chocalho.
- Tambor da mata: tambor feito de madeira, somente com uma membrana. É revestido com pele de animal, tocado na vertical apoiado sobre um cavalete. Esse tambor é muito usado no Terecô na cidade de Codó.
- Abatás: são tambores feitos de madeira, revestido com pele de animal nas duas extremidades. É tocado na horizontal com as mãos, sobre o cavalete. A pessoa que toca o tambor se chama abatazeiro²⁴. Esse tambor é muito usado no tambor de mina nagô.

É o tambor. Dois, três que é da mata, o tambor guia e o derradeiro que é o tamborzinho, como eles chamam e o gogó que é chamado de ferro, tá veno! O

²³ Filho de santo são pessoas que fazem a cabeça na cura pelo pajé e mais tarde quando estiver mais firme, podem abrir seu próprio barração se tornando um pajé ou pajoa.

24 O abatazeiro além de tocar o tambor, é responsável pelos outros instrumentos usados na pajelança.

bambu que é as tabocas, que é chamado pra bater assim na pedra, pra fazer a introdução e a cabaça que é chamada de cuíca.(SEU BETINHO, 2015).

Dependendo do lugar, o pajé também pode usar as tabocas feitas de bambus, ferros ou triângulos durante o ritual. Vale ressaltar que os instrumentos usados na pajelança podem variar de pajé para pajé e de barração para barração.

Na pajelança o ritual de cura era acompanhado pelas palmas das mãos, isso ocorria porque era uma forma de não chamar atenção dos policiais. A pajelança assim como outras religiões de matriz africana foi duramente perseguida e reprimida. De acordo com Mundicarmo Ferretti (2001), "a repressão foi maior sobre os terreiros ou comunidades religiosas mais sincréticas e/ou onde a religião era mais associada a práticas terapêuticas, no Maranhão foram mais perseguidos na capital os terreiros de curadores ou pajés, e no interior, os de terecô". Os policiais deixaram de perseguir os pajés, no entanto algumas pessoas ainda possuem preconceito com essas manifestações religiosas.

É interessante que o universo religioso sempre está em constante movimento e cada elemento (entidades, natureza, pajé, força, etc.,) vão se encaixando no seu lugar. São essas as influências de outras religiões que são perceptíveis na incorporação de novos instrumentos na variação rítmica, entre outros. Muitos curadores foram a favor dessa nova dinâmica da pajelança.

[...] o que se mostra é que há elementos centrais da cultura, entendida como sistemas de símbolos, ritos, crenças e valores, que são compartilhados por diferentes povos, em especial os fundamentos das formas religiosas. Portanto, mesmo dentro da grande diversidade cultural, é possível localizar feições comuns; estas semelhanças dizem respeito à religião, ainda que não incluam todos os detalhes da religião. Entre essas características centrais dos movimentos religiosos que são comuns a diferentes povos, podemos destacar a importância atribuída aos ancestrais, aos espíritos da natureza, a presença dos rituais coletivos, de encantamentos, de líderes carismáticos. E, para ser caracterizada como "movimento religioso", é preciso que tal prática seja, além de coletiva, dinâmica e inovadora; que apresente flexibilidade e abertura para incorporar novos elementos e se difundir.(SAMPAIO, 2000, p. 201).

Ainda sobre os elementos da pajelança, outro elemento interessante de perceber que faz parte desse conjunto que envolve a pajelança são as indumentárias. A composição do pajé a priori era uma roupa branca simples, com o cordão de glanchama amarrado na cintura, fitas amarradas nos braços e descalço. No entanto, as indumentárias ao longo do tempo foram se modificando, ficaram mais exuberantes e luxuosas.

A antropóloga Martina Ahlert (2000), descreve "a percepção da alteração das roupas dos festejos é compartilhada entre os 'brincantes', que costumam dedicar muito tempo à discussão sobre o modelo e as cores, as rendas e fitas, as costuras e os bordados da 'roupa

nova', confeccionada anualmente, na época do principal festejo de cada tenda. Dentro da programação dos festejos, a roupa nova é usada na noite mais importante, quando comemora o aniversário do encantado ou o dia do santo homenageado." Podemos perceber que tem toda uma preparação para a escolha do modelo das roupas e das cores, sempre com a aprovação do encantado que está fazendo aniversário ou do próprio pajé.

Hoje a roupas do pajé é de acordo com a entidade na qual ele está incorporado. As indumentárias são luxuosas, e cada entidade que desce no pajé, geralmente veste a roupa na cor que o pertence. Além dos apetrechos de cada encantado (guias, rosários, paina, etc.) que serve para abrilhantar ainda mais o seu figurino. Entretanto, não são todos os pajés que podem assumir tamanhas condições em arcar com as despesas das festas e também das roupas luxuosas. Como Seu Betinho narrou "faz uns quatro anos que o mesmo não faz festa, pois é muita despesa". Analisando as estruturas das festas que são realizadas no barracão, o pajé tem que possuir ou arrecadar alta quantia em dinheiro ou produtos para proporcionar as festas para as suas entidades, mesmo sendo muitas vezes ajudado pelas pessoas que participam da festividade.

Todos os pajés com seus discípulos querem está bem arrumados, com roupas bonitas, uma festa organizada, um barracão decorado, além das comidas que são servidas, mas sempre focando nas obrigações para com o encantado ou santo homenageado.



Foto: Dona Moça, discípula do Seu Edmir, terreiro de Santa Bárbara.

Nessa foto Dona Moça discípula do Seu Edmir do terreiro de Santa Bárbara usa uma roupa luxuosa, brilhante na noite do aniversário do encantado Piquinininho realizado no mês de julho. A cor verde para Seu Piquinininho representa a mata, pois ele é filho de Légua Boji Buá²⁵, todos são da linha da mata e por isso é uma forma de representação do seu lugar.

Os guias, rosários, glanchama são de grande importância para o pajé, pois eles servem para a proteção do corpo. A cor do guia é de acordo com a entidade recebida pelo pajé. O glanchama serve para a proteção de energia negativa, ou seja, cada um desses elementos tem sua importância.

²⁵ Considerado o chefe do Terecô da cidade de Codó, boiadeiro da linha da mata. Ver AHLERT, Martinha. Cidade Relicário: uma etnografia sobre o terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão), 2000.

As painas são pedaços de tecidos que variam de cor, geralmente tem as iniciais do pajé ou o nome do encantado. Podem ser colocadas no braço, pescoço ou amarrada na cintura. Todos esses acessórios fazem parte da composição do pajé durante o ritual de cura.

Podemos perceber que a pajelança não envolve somente o ritual em si, mas possui outros elementos como demonstrei que são de grande relevância para o pajé estar em harmonia com os seus encantados.

3.4 OS ENCANTADOS

Falar dos encantados na pajelança ou em outra religião afro-brasileira é muito complexo, pois é difícil precisar quantos encantados tem na *encantaria* maranhense. É importante explanar que possui diferenciações por linhas ou correntes, ou seja, cada encantado tem sua categoria, como: linha de mãe d'água, caboclos, animais, marinheiro, boiadeiro, reis, princesas, índios, crianças, etc. E com todas essas variações a *encantaria* se torna rica com tantas heterogeneidades.

Ao falar das entidades que descem na pajelança, surgem várias dúvidas. Como eles se encantaram? O que fazem quando não estão incorporados? Como é o seu mundo? Enfim, são vários questionamentos que para algumas perguntas as respostas não são esclarecidas. Os próprios pajés não falam sobre tudo e as entidades não falam com tantos detalhes ou sempre de forma metafórica. São os segredos ou mistérios dos encantados que não podem ser revelados, e, geralmente quando os pajés falam demais sempre as entidades os repreendem. O pajé tem todo um cuidado ao falar sobre determinado assunto que envolve diretamente os encantados.

Os encantados são normalmente "invisíveis" aos olhos dos simples mortais; mais podem manifestar-se de formas diversas. A partir dessas formas distintas de manifestação, eles são pensados em três contextos, recebendo, por isso, denominações diferentes. (MAUÉS, 2005, p. 265).

Os encantados quando estão na crôa de alguma pessoa, não necessariamente um pajé, podem assumir comportamentos de seres humanos; a forma de falar, geralmente são alegres, atenciosos, brincalhões, porém, tem seus momentos de raiva. E muitas vezes podem castigar, por não está fazendo as suas obrigações corretamente.

As entidades ao serem incorporadas mantem uma relação social com o público que estão ao seu redor, no seu convívio. Essa relação se constrói à medida que as pessoas começam a se inserir nesse espaço sócio-religioso. Sócio porque agrega diferentes pessoas do mesmo lugar e de outros lugares. Religioso porque estão sistematizado no contexto de crenças, ritos, força, cura, etc.

Os encantados foram pessoas que não morreram, tiveram uma vida terrena e por algum motivo desapareceram e se encantaram. De acordo com Maués (2005), "os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se 'encantaram'. Essa crença tem certamente origem europeia, estando ligada a concepção de príncipes e princesas encantadas que sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciado por concepções de origem indígena, de lugares situados no 'fundo', ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com espíritos dos mortos".

Podemos perceber que é muito ambíguo esse processo de encantamento dos encantados, o que se deve levar em consideração é que os encantados possuem uma grande força, um vasto conhecimentos, ensinamentos que são passados oralmente para o pajé, etc.

Mapeando alguns desses encantados que descem na pajelança podemos perceber o quanto existe a diversidade na *encantaria* maranhense. No entanto, muitos desses encantados podem descer em outras religiões de matriz ou afro-brasileira, como o Tambor de Mina, Umbanda, Terecô, etc., mas em outra linha. Um exemplo seria a encantada Mariana que na pajelança pode vir como cabocla e também, na linha de marinheira e no Tambor de Mina, na linha de turco, entidade nobre. Outra entidade que desce na pajelança e no Terecô é Chica Baiana e assim, muitos outros. O que vale ressaltar que cada entidade tem um comportamento diferente, pois, além de estar numa religião diferente, os 'cavalos' são diferentes, as linhas ou correntes também, as músicas cantadas e a forma de dançar, ou seja, devemos perceber essas diferenciações através do contexto em que essa entidade está inserida.

Os encantados possuem comportamento humano quando estão na crôa de um pajé, entretanto, o comportamento pode variar de acordo com cada religião e com a pessoa que está em *transe*, como já mencionei. Podemos perceber como é ambígua essa questão de atitudes e os comportamentos que os encantados podem manter com as pessoas que estão à sua volta.

Neste quadro é somente para mostrar alguns dos encantados que desce na pajelança, mostrando suas linhas na qual pertencem. São eles:

ENCANTADOS						
NOBRES	CABOCLOS	ÍNDIOS	ANIMAIS	OUTRAS CATEGORIAS		
Rei Sebastião	Mariana	Ubiratan	Jiboia branca	Menina da ponta d'areia		
Rainha Rosa	Caboclo da Bandeira	Jacira	Troíra	Chica Baiana		
Dom Luís	José Corre Maneiro	Ita	Arara	Preto Velho		
Dom João	Antônio Luís Corre Beirada	Tapindaré	Cobra coral	Mãe Maria		
Rosalina	João da Mata	Jurema	Rolinha	Dadinho		
Princesa Flora	Baiano Grande	Ubirajara	Jacaré Açu	Menino de lera		
Moça Fina	Manezinho	Pena Verde		Boiadeiro		
Rosidalva	Piquinininho	Pena Amarela		Anastácio		
João de Uma	Zé Vaqueiro	Jaguarema		Marinheiro		
Rei Leão	Terezinha	Tabajara		Beberrão		
Seu Bandeira	Joaninha	Pinaguarema		Aracanguira		
Dom Miguel	João Guará			Menina do cai cai		
Rei Camundá				Menina da saia de maracujá		

À medida que são cantadas as doutrinas os encantados vão descendo no cavalo²⁶ se manifestando durante a sessão de cura. Podem descer vários encantados no cavalo no mesmo ritual, quando é ritual de passagem, ou seja, durante esse ritual não necessariamente acontece a cura e por isso, se manifestam vários encantados de diferentes linhas.

Os pajés quando entra em transe com seu encantado, o mesmo canta logo sua doutrina. É através da doutrina que podemos perceber um pouco das características dos encantados. Algumas doutrinas falam de sua morada, da sua linha ou corrente, etc.

Nesses cerimoniais coletivos, a música era essencial para a inspiração, a comunicação com os espíritos, e consequentemente, a cura. Acredita-se que os

²⁶ Cavalo refere-se à pessoa que está em transe com seu encantado. Dando seu corpo para que ele se manifeste durante o ritual.

espíritos dos antepassados permaneciam neste mundo, próximos aos vivos, para ajudá-los. (SAMPAIO, 2000, p. 204).

As músicas quando são cantadas dentro do terreiro da pajelança são alegres e animadas, com o acompanhamento dos tambores e das palmas das mãos das pessoas que participam a sessão fica mais agitada. O ambiente não fica monótono e todos cantam e dançam junto com o pajé e seus discípulos.

Cada doutrina cantada tem a forma como é tocada com os tambores e com isso, todos tem que estar sintonizados. Muitas vezes o ritmo é acelerado ou lento. Além disso, a forma de dançar muda de acordo com o encantado.

Algumas doutrinas que são cantadas durante a pajelança:

Oh arara²⁷ Oh arara Rainha das curandeiras Oh arara Oh arara

Eu venho de longe de terra²⁸ Para atender seu chamado Meu nome é Caboco Aracanguira Eu sou vaqueiro do rio Maracacumé *Iê quem me chama* Alguma coisa quer me dar Eu não tenho sossego E só de tanto pelejar (Seu Betinho)

Lá no mar²⁹ Tem dois navios Cada um tem dois faróis Mas é à força da cabocla Mariana, meu irmão Lá na praia dos Lençóis

Oh boiadeiro a tua mata é verde $^{30}(2x)$ É verde é da cor do mar Sou eu o Boiadeiro da Jurema (3x)

²⁷ Música cantada para a entidade Arara.

²⁸ Música do caboclo Aracanguira, guia do Seu Betinho.

²⁹ Música da cabocla Mariana na pajelança. A cabocla Mariana na religião afro-brasileira possui duas correntes, a primeira na linha de nobres, pertencendo a Família da Turquia e a segunda, na linha de marinheira. A sua figura (representação) como marinheira é associada à sereia, devido aos seus cabelos longos e sua beleza. Suas cores são branco e azul.

³⁰ Música do caboclo Boiadeiro da Jurema. Caboclo da linhagem dos boiadeiros da Mata de Codó, chefiado por Légua Boji Bouá.

Sou eu o Boiadeiro da Jurema, oh juremar

Oh pai nosso que está no céu³¹ (2x) Santificado seja vosso nome (2x) Aê mãe Chica Aê Chica Bajana

O meu navio passando na croa³²
Não deixa quebrar quem vai mestrando
Ele é papai, Rei Camundá
O mar balanceou
Remédio ele foi buscar
Pra mim curar meus doentes
Lá fora no meio do mar

Todas essas músicas (doutrinas) que são cantadas pelos encantados remetem à cura, ao seu lugar de origem ou alguma característica especifica. Os encantados além de curar na sessão da pajelança também vêm se divertir, manter relações de amizades com as pessoas.

A pajelança é um sistema que engloba todos esses elementos descritos, fazendo com que tornasse rica e diversificada. As festas que acontecem nos barracões, a figura do pajé com a sua trajetória de vida, as entidades que fazem parte desse universo, os discípulos e todas as pessoas que fazem parte diretamente e indiretamente da pajelança. Todos esses elementos vão interagir entre si, contribuindo para que a sessão da pajelança seja realizada mediante as obrigações do pajé e também, uma forma de perpetuar com essa cultura que está sempre em movimento como apontou Gabriela Sampaio. É esse constante movimento que faz com que Cururupu destaca-se por ter bons curadores, um espaço que agrega valores, somam conhecimentos, insere novas pessoas, um *habitus* (Bourdieu, 1986) através de um espaço religioso.

3 O SER PAJÉ: confrontando histórias de vida

Interpretar histórias de vida de pajés é encantador e enriquecedor, pois através delas podemos conhecer os caminho e descaminhos que o médium seguiu até fazer-se pajé.

Não tomamos as histórias de vida como uma linearidade dotada de começo, meio e fim. Buscamos interpretá-las sinalizando divergências e recorrências na interpretação de si. Nesse sentido, é recorrente que no começo na vida do pajé, ele negue seu dom e sofra as doenças

³¹ Música da cabocla Chica Baiana. Sua linhagem é da Família da Bahia, tendo como chefe Baiano Grande Chapéu de Couro. Muitas vezes sua linhagem se aproxima da Família da Mata de Codó e em outra, da Família dos Turcos.

³² Música do Rei Camundá

provocadas pelos guias; depois aceite e conforme seu dom, seguindo as instruções estabelecidas por suas entidades: firmar e equilibrar o corpo. Nas narrativas dos pajés são as experiências adquiridas ao longo dos anos, prosseguindo toda essas fases no início da sua mediunidade, a abertura do seu terreiro, as obrigações e festas realizadas para homenagear suas entidades, etc. E no ultimo estágio seria marcado por imprecisões.

Para Bourdieu (1986) uma vida é um conjunto de acontecimentos destituídos de nexo ou sentido. Os acontecimentos da vida do pajé são, normalmente, narrados por ele como sendo de grande relevância para o seu amadurecimento e aprendizado a respeito da prática religiosa. Uma auto-interprertação da história de vida desses sujeitos se faz recorrente: quanto mais o pajé tivesse experiências adquiridas na sua jornada, melhor seria o desenvolvimento do corpo, atingindo mais força.

A narrativa da história de vida de Seu Edmir e Seu Betinho coincide com a de muitos outros pajés: a relutância em aceitar o seu dom, os sofrimento e as aflições causadas pelas entidades, a reprovação e preconceito do outro com a sua religião, o apoio da família e amigos, etc..

O pajé antes de ser um chefe religioso, é pai de família, é trabalhador, ou seja, além de ter as suas obrigações no campo religioso, também tem sua vida particular com a sua família e amigos. No entanto, a sua vida religiosa está ligada com a sua vida particular. Essa relação é regida pelas entidades, são elas que delimitam toda a vida do pajé. Nessa perspectiva parece que o pajé não rege suas próprias ações, mas ao contrário do que parece é uma relação de respeito e fidelidade.

3.1 TRAJETÓRIA DO PAJÉ SEU BETINHO

A trajetória de Umberto de França Ribeiro, mais conhecido como Seu Betinho, foi marcada, conforme sua narrativa, por grandes acontecimentos ao longo de sua vida. Atualmente tem sessenta e três anos de idade e está há mais de quarenta anos dentro das religiões afro-brasileiras. Trabalhou com várias profissões como pedreiro, carpinteiro, pescador, agricultor, etc., devido a um problema de saúde, está parado se recuperando.

As suas manifestações das entidades começaram por volta de cinco anos de idade quando iniciou a dar remédios para as pessoas no terreiro do seu pai, embora as pessoas não acreditassem no seu dom, muitas procuravam o seu trabalho. Seu Betinho começou muito cedo a receitar remédios, e esse olhar de desconfiança do outro passava pela falta de experiência, em decorrência de ser uma criança e, também por não está firmado enquanto

pajé. A sua credibilidade foi se fortalecendo através do laço de parentesco com o seu pai que era conhecida como curador em Cururupu.

Seu Betinho cresceu dentro do terreiro do seu pai, e com isso, a pajelança já era de seu conhecimento. Auxiliava o seu pai a curar as pessoas mesmo ainda sendo criança, pois os seus guias se manifestaram muito cedo. Antes de seu pai morrer, seu Betinho relata que pediu para assumir o barração e as suas responsabilidades, porém não foi fácil aceitar essa nova tarefa, pois para ele o trabalho era pesado.

O terreiro do Seu Betinho fica localizado na Rua Getúlio Vargas, no bairro da Rodagem³³. Antes funcionava próximo do rio Pé de Galinha na mesma cidade e depois ele assentou do lado da sua casa. "Quando eu atravessei do velho pra cá que era no pé de galinha do meu pai eu assentei aqui, é um terreirozinho simples de madeira e tudo, que eu nunca quis abrilhantar não! Nunca quis abrilhantar, todo tempo eu sou do mato, eu me sinto feliz." Na narrativa do Seu Betinho fica evidente que o seu terreiro enquanto espaço físico é simples, sem muitas belezas para mostrar para outras pessoas. Ou seja, não transparecendo uma pessoa exibicionista, com isso Seu Betinho não perde a sua característica de um terreiro de origem humilde e , se sente feliz porque remete ao mato, um elo com a natureza. No entanto, é uma opção de cada pajé modificar a estrutura e o embelezamento do seu terreiro.

Querer "abrilhantar" como Seu Betinho diz, mostra uma relação de poder, ou seja, o pajé pode ostentar seu aspecto econômico através do terreiro, das roupas, festas, etc. Analisando pressupõe que ocorre uma disputa de poder entre os pajés, mesmo não sendo de forma explícita. Cada pajé quer se sobressair mais do que o outro, seja na estrutura física do terreiro, nas festas, nas expressões "eu sou curador", "eu vim de nascença", etc., são apropriações usadas para se legitimar enquanto pajé.

O calendário festivo do seu terreiro é bastante variado, realiza festa para Nossa Senhora Aparecida que é sua chefa na mesa branca, Santa Bárbara, Santa Luzia³⁴e também, as festas de obrigações.

A festa de Santa Luzia é a maior festa realizada, começando no dia 10 de dezembro até o dia 14. Durante essa festa é feito a sua obrigação ao seu guia vaqueiro Aracanguira. A

³⁴ Santa Luzia nas religiões afro-brasileiras é sincretizada com a orixá Ewá. Ela é orixá do rio Yewa, que fica na antiga etnia Egbado (atual cidade de Yewa) no estado de Ogun na Nigéria. Identificada no Jogo de Búzios pelo odú obeogundá, rege as neblinas e nevoeiros na natureza.

³³ O bairro da Rodagem fica localizado na zona urbana de Cururupu, que tem população predominante negra, de baixa renda. A religião que predomina é o Catolicismo, mas o crescimento do Protestantismo é bem relevante no bairro.

Ver SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005. Cap. 3 e 4.Disponível: http://www.raizesespirituais.com.br/13-de-dezembro-e-dia-de-ewa-sincretizada-com-santa-luzia-com-oracao/

obrigação consiste na manifestação popular do bumba-meu-boi³⁵ em homenagem ao seu guia por ser da corrente de vaqueiro ou boiadeiro. O bumba-meu-boi assim com outras manifestações populares são realizadas nos terreiros pelo apreço que as entidades gostam para se divertir.

Com problemas financeiros e por ter sofrido um AVC, Seu Betinho não realiza a festa de Santa Luzia há três anos. Além disso, o seu terreiro encontra-se de luto por conta do falecimento de dona Deni, vodunsi da Casa das Minas. A sua relação com a Casas das Minas ocorreu quando estava morando em São Luís. Através de conhecidos começou a frequentar o terreiro, embora não era permitido os homens dançarem, participavam de outras funções delegada pela chefe da casa. A sua mãe de santo foi dona Roxa, vodunsi da casa, ela que preparou Seu Betinho nessa religião. O mesmo ainda possui subserviência ao terreiro da sua primeira mãe de santo na pajelança. Somente em janeiro de 2016 que seu terreiro vai estar aberto para realizar as festas e obrigações das suas entidades, pois o período de luto é de um ano.

Ainda falando sobre a sua trajetória de vida no campo religioso, Seu Betinho com vinte anos de idade, ainda não assumindo a sua responsabilidade perante a pajelança, se mudou para São Luís para trabalhar. Isso foi uma forma que encontrou de se "livrar" das suas entidades.

Na minha cabeça passava que se eu fosse pra outro lugar aquelas coisas não ia, tá! Aí eu fui pra São Luís trabalhar com o senhor chamado Belo, irmão de seu Felix ali. Aí nós fumos pra cidade, mestre Belo ia trabalhar e tal, garrei minhas coisas e fui com ele trabalhar. Por lá um dia, nós durmia na casa de seu Domingos na quadra F, São Luís, Anjo da Guarda. Bem, aí eu armo minha rede, de lá me jogaram ali no chão, os pessoais ficaram apavorados porque tava uma altura dessa ó! Disque eu comecei a cantar e tal. E o pessoal aproveitaram e eu fui curando gente tudo e certo é que eles aqueles que tavam sentindo mal naquele momento foi ficando bom e daí eu comecei o trabalho e que de lá até hoje eu tô.(SEU BETINHO, 2015).

De acordo com o depoimento de Seu Betinho, o mesmo não aceitava ser um pajé e mesmo mudando de cidade as entidades lhe acompanhavam. Relutou por alguns anos, mas depois aceitou o seu compromisso, pedido por seu pai.

Ainda sobre a narrativa do Seu Betinho podemos perceber que o pajé antes de assumir as suas entidades sofre vários infortúnios, ou seja, o sofrimento causado pelas entidades sejam

_

³⁵ O bumba-meu-boi no terreiro de Tambor de Minas e na Umbanda é conhecido como boi de encantado, pois seu tamanho é menor do que o boi que dança nas festas juninas, além disso, o boi dança somente dentro do terreiro. O sotaque fica a escolha da própria entidade. É realizado o batizado do boi e também a sua morte seguindo a mesma tradição do bumba-meu-boi.

elas físicas ou espirituais, são uma espécie de estágio para que o pajé faça o encruzo tornandose mais forte. Com isso, o corpo estará firmado para receber os guias aos quais pertence.

Na cura, seu Betinho foi iniciado pelo seu pai e também pelo pajé chamado Gregório Viana, já falecido. No Tambor de Mina, encontrou sua mãe de santo na Casa das Minas. Chegando a Cururupu, conheceu Isabel Mineira³⁶ que também passou fundamentos da religião, tornando-o mais forte. Além disso, ele é firmado em outras *religiões* afro-brasileiras. "Eu trabalho no Astral³⁷, na Umbanda, Quimbanda³⁸, na Cura e na Mina. Eu tenho esses nives porque vim de nascença". (Seu Betinho). Na perspectiva de Seu Betinho trabalhar com práticas religiosas presume-se que exija bastante força do corpo e não é para todos, isso detém além de conhecimentos nas práticas, também experiência e firmamento nas religiões. Quando Seu Betinho afirma trabalhar com todas essas modalidades, ele usa a palavra "nascença". As pessoas que são de "nascença" ou "berço" como são conhecidas, são aptas a serem mais fortes, sendo um diferencial entre os pajés que são de agrado (escolhido pelas entidades para usar o seu corpo). Nesse sentido, eu pude perceber que Seu Betinho gosta de vangloriar-se com todos essas modalidades alcançados.

Isabel Mineira já falecida era mãe de santo em Cururupu, além de firmar seu Betinho na Mina, também passou conhecimentos de como realizar parto. É interessante pensar que essa prática de partejar era destinada mais às mulheres e com seu Betinho podemos ver essa exceção. "Mãe Isabel me acolheu um bocado, me deu instrução, essa instrução em termo de parteira porque sou parturiente tá! Trabalho com feminina, deixei de fazer parto porque realmente hoje o estudo está mais avançado e depois tem uma Santa Casa bem aqui." (SEU BETINHO, 2015). Essa atuação de partejar de Seu Betinho foi influenciada por Isabel Mineira, parteira conhecida na cidade. O mesmo já não exerce a função de parturiente, mas ainda dá dicas para as grávidas quando pedem algum tipo de conselho.

Ainda sobre a trajetória da sua vida religiosa, seu Betinho tem orgulho em falar que faz parte da Federação de Umbanda. Em São Luís ele participou de uma reunião na casa do babalorixá Ribamar Castro, em que ele foi o único representante da cidade de Cururupu.

³⁶ Isabel Pinto da Silva – Isabel Mineira como era mais conhecida em Cururupu, por te sido a primeira pessoa a abrir ali um terreiro de Mina. Nasceu em novembro de 1903 e faleceu com mais de 90 anos. Além de ter notabilizado como mãe-de-terreiro, foi parteira afamada, do que mais se orgulhava costureira, feirante e doméstica. Ver FERRETI, M.; CASTRO e LIMA, Z. Perfis da cultura popular maranhense. São Luís: CMF, 2015.

³⁷ Astral é uma sessão religiosa de estabelecer contatos com espíritos de pessoas já falecidas.

³⁸ Religião que envolve práticas de feitiçarias. As entidades mais conhecidas que descem nessa prática são chamados *povos de rua*: exus e pomba-gira.

Só tinha eu de Cururupu, aí tinha mil e poucas pessoas lá fazendo teste com ele e dona Roxa disse que tinha uma pessoa de Cururupu, que era filho de santo dela e ela tinha certeza do filho de santo. E eu cutucando com o cutuvelo que era pra ela não me apontar que eu nervoso tava que tava ne mim naquele momento, mais depois que eu sair pra lá, fiz um teste com ele e nesse teste aonde andou caindo de três a cinco pessoas lá rapidinho né. Três doutrinas e o negócio foi agitando tá entendendo?! Foi agitando, era só três passou pra cinco, depois me deram mais três. Disque gostaram e tal, aí parou. Aí quando parou ele me chama pra mim dar um cargo que até hoje é valente assim, é Delegado de Umbanda de Cururupu da Federação de Umbandista Culto Afro-brasileiro. Então, podendo ser Delegado até quando eu esfalecer, quer dizer que é infinito esse teste porque lá só deu eu na época. (SEU BETINHO, 2015).

É interessante perceber que essa titulação da Federação da religião afro-brasileira é importante para muitos pajés ou pais de santos porque é uma forma de reconhecimento do seu terreiro. No entanto, nem todos os terreiros em Cururupu são registrados na Federação e para alguns pajés isso não faz a menor diferença, pois para eles o importante é fazer suas festas e obrigações para seus guias. Apesar disso, seu Betinho utiliza tal "cargo" como elemento de distinção.

Seu Betinho é conhecido por muitas pessoas fora do Maranhão e fora do país, pois realiza vários trabalhos para seus clientes. Além disso, seu Betinho orgulha-se em dizer que já deu entrevistas para pesquisadores como Mundicarmo Ferretti, Sérgio Ferretti, Gustavo Pacheco, entre outros. Para ele é uma forma de mostrar seu trabalho e falar um pouco da religião afro, sempre frisando seu dom de nascença.

3.2 TRAJETÓRIA DO PAJÉ SEU EDMIR



Foto: Seu Edmir na festa do encantado Piquinininho no terreiro de Santa Bárbara.

Edmir Pires Mota, mais conhecido como Seu Edmir tem sessenta e três anos de idade e está com mais de dezessete anos na religião afro, sendo curador e mineiro. Foi iniciado aos vinte e seis anos com seu pai de santo chamado Jaime. Seu barração está localizado na Travessa Clodoaldo, no bairro do Barreiro³⁹, com o nome de Terreiro de Santa Bárbara.

A trajetória de vida religiosa de Seu Edmir não é diferente da maioria dos pajés, antes de se assumir e aceitar a sua obrigação na pajelança sofreu com vários tipos de doenças. "Ah eu sofri demais, sofri demais! Que desaparecia, vivia dentro do mato e aí foi um sufoco". (SEU EDMIR, 2015). Seu primeiro *transe* foi logo após a sua iniciação.

Analisando a fala do Seu Edmir podemos perceber que não aceitando de imediato as suas entidades, o mesmo vivia sofrendo com doenças e causava para as pessoas do seu circulo social, uma espécie de loucura, pois muitos não entendiam o que se passava com ele.

As entidades provocam doenças ou castigam os cavalos quando estes não realizam as suas obrigações. Dessa mesma forma, o pajé quando ainda não é iniciado sofre com as perturbações ocasionadas pelas entidades.

Seu Edmir (2015) rejeitava ter esse dom, tinha vergonha das pessoas. Só aceitou o ser pajé quando fez sua iniciação e percebeu que tinha que aceitar os seus guias. "Eu não tive outra solução, tá veno! E aí quando eles chegaram foi com tudo, de uma vez, não teve como me livrar." Mediante a sua narrativa, Seu Edmir aceitava ser pajé ou assumia as consequências. Negar seus guias seria sofrer na vida. Assumindo ser pajé, Seu Edmir se firmou na terra e também, não teve as perturbações que sofria antes de se iniciar.

Na cura seus guias são Piquinininho como chefe, Dadinho como seu contra-guia, além desses dois que são os mais importantes, Seu Edmir recebe Ubirajara, Pinaguarema, João de Una, etc. Podemos perceber que são bem diversificadas as entidades recebidas pelo Seu Edmir e cada um desses de acordo com a sua linha, ou seja, podem ser da água doce, índios, nobres, etc.

O calendário festivo do barração é diversificado, Seu Edmir realiza festa de aniversário para seu guia: no mês de julho para Piquinininho e no mês de dezembro para Dadinho. Além das festas de obrigações para outras entidades.

A festa do mês de dezembro além de ser uma festa de aniversário do Dadinho, é destinada também a Nossa Senhora da Guia. Essa festa começa no dia 2 a 4 de dezembro,

-

³⁹ Bairro do Barreiro recebe esse nome devido a grande de barro que existia na época em que se formou. Fica localizado na periferia de Cururupu; população predominante de origem negra com baixa renda aquisitiva. A maioria sobrevive da lavoura, pesca e pequenos comércios.

com toque de caixa em homenagem ao Divino Espírito Santo. Além dessas festas, sempre ocorre um tipo de trabalho para as pessoas que estão doentes.

É interessante perceber que todas essas festas realizadas para as entidades são custeadas pelo pajé e pelas pessoas que participam delas. Essas pessoas muitas vezes já fizeram algum tipo de trabalho com o pajé, fazendo parte do seu convívio social, etc. Ajudam não somente com dinheiro, mas nas organizações das festas, nos enfeites do barração, na preparação das comidas, etc. Muitos pajés não possuem tantas condições financeiras para arcar com todas as despesas das festas anuais e as obrigações que são realizadas.

No terreiro do Seu Betinho, ele ficou três anos sem fazer a festa para Santa Luzia devido às dificuldades financeiras, embora esteja tratando do terreiro do Seu Edmir e, ele não deixou de realizar nenhuma festa ou obrigação, são situações que qualquer pajé pode enfrentar, seja por motivo financeiro ou de saúde.

"Eu gosto de ajudar nas festas do barração, eu tenho muito apreço pelo Seu Edmir porque ele é muito humilde, está sempre pronto para ajudar quem precisa. Toda vez que eu preciso, ele me ajuda". (MARIANO, 2015).

"Ajudo aqui no terreiro desde quando precisei fazer um trabalho pro meu filho. Toda vez eu dou um bolo, um arranjo de flores pra colocar no altar. Eu venho nas festas, ajudo como posso. Mas é só perguntar cadê Maria que todo mundo diz que eu tô lá no barração. Aqui todo mundo é amigo, gosto muito do Seu Edmir, da mãe dele, são pessoas de bom coração".(MARIA, 2015).

Podemos perceber através da narrativa das pessoas que participam de alguma festa, que vão pela gratidão, pela amizade que possuem com o pajé, com as entidades e por seus familiares. E assim como o Mariano, dona Maria e outras pessoas também fazem parte desse espaço de sociabilidade.

A partir dessas relações de convivência entre o pajé e as entidades, o pajé e o público participante e as entidades e o público, a pajelança funciona dentro do barração em um processo de harmonização, tensões, doação e pagamento entre todos os presentes.

3.3 HISTÓRIAS QUE SE ENTRECRUZAM

A história do Seu Betinho e a de Seu Edmir se entrecruzam em alguns pontos. Primeiramente ambos foram nascidos e criados em Cururupu, segundo possuem a mesma idade, são negros e com pouco grau de escolaridade. Além de negarem o seu dom e depois de muito sofrerem na vida, aceitaram a sua mediunidade.

As suas trajetórias religiosas foram marcadas pela não aceitação dos seus guias, isto porque tinham vergonha de ser pajé, pela recriminação e pelo preconceito que era muito forte. Ambos relutaram em não assumir seu dom, implicando em vários sofrimentos e aflições.

Seu Betinho (2015) comenta:

Quando eu cheguei na carreira de quinze anos de idade foi a primeira vez que a coisa baixou em mim e no momento eu não quis acreditar aquilo a serio, eu sei quando me recordei a levantei meu corpo tava todo sujo de terra, aqui nosso terreiro lá era assim cheio de poeira e quando eles disseram que eu tinha caído doutrinado⁴⁰ e tal, aquilo pra mim foi maior vexame, maior vexame por quê? Você sabe adolescente! Adolescente em achar tudo esquisito, e tal, eu não quis aceitar.

Para Seu Betinho esse seria o pior dos seus castigos, além de se sentir envergonhado com toda essa situação, resolveu 'fugir' para outro lugar, como já foi mencionado na sua narrativa. Fugir não resolve essa situação de sofrimento, pois as entidades são invisíveis e estão em todos os lugares, fazendo parte da natureza. Então, a fuga faz com que as entidades os persigam causando os castigos de diversas formas.

O médium não se assumindo fica desorientado e muitas vezes somente com ajuda de outro pajé direciona a situação daquela pessoa, fazendo algum tipo de remédio para que as entidades não a castiguem tanto, ou seja, amenizando as doenças provocadas por eles.

Sofrimentos e alegrias, como dupla orientação da função de pai de santo, parecem estar conectados na concepção de 'mediunidade' compartilhada entre os "brincantes". Torna-se pai ou mãe de santo não é uma decisão pessoal, um livre arbítrio condicionado a escolha individual; é uma imposição nem sempre negociável. Tenho a impressão de que todas as pessoas que conheci apresentaram alguma resistência à ideia de receber encantado quando sentiram os primeiros sinais de manifestações. Nestes momentos, não é incomum procurar pais de santos que possam "tirar" as entidades de seus corpos, para que não precisem se relacionar ou dedicar a elas. A eficácia dos curadores, nestes casos, é limitada e circunscrita à possibilidade de "suspender as correntes", negociando o afastamento das entidades até que o "brincante" seja mais velho e possa assumir suas responsabilidades.(AHLERT, 2013, p. 103).

De acordo com a visão de Martina Ahlert podemos perceber que assim como Seu Betinho, Seu Edmir e muitos outros pajés que não aceitaram de imediato a sua mediunidade acabam sofrendo por certo período na sua vida. É interessante que essa decisão não parte somente do 'cavalo', mas da própria entidade. É claro que muitos contrariam as decisões das entidades e depois sofrem as consequências.

É comum ouvir relatos de pessoas que sofreram algum tipo de punição por não aceitar seus guias. Algumas aderem à outra religião como a Protestante como uma forma de refúgio,

⁴⁰ Expressão usada pelo Seu Betinho para dizer que estava em transe com alguma entidade.

outras pessoas mandam "prender" ⁴¹, etc. São varias situações que ocorrem. Porém, as entidades nesse sentido castigam severamente.

Quando a pessoa que possui mediunidade independe dela ser preparada ou não, pode ocorrer que o encantado fique na linha cruzada, quando o encantado fica na linha branca e negra ao mesmo, tá veno! Na linha branca e negra tudo junta, porque não faz as obrigações, então, eles deixam a gente doido, tá veno! É assim que é.(SEU EDMIR, 2015).

Outro ponto importante na narrativa do Seu Edmir não realizando as obrigações, sejam as pessoas iniciadas ou não, os encantados ficam no meio termo, entre a linha branca e a linha negra. Acredita que o corpo estaria aberto para receber qualquer tipo de manifestação. Seria mais uma consequência que envolveria o descumprimento de suas responsabilidades.

Maués (2005) argumenta que o pajé de nascença ou de agrado, tem uma carreira muito semelhante ao que é classificado em relação a todos os xamãs: um período de crise na vida, em que sofre incorporações descontroladas de espíritos ou caruanas, devendo submeter-se a tratamento com um pajé experiente, que irá afastar os espíritos e os maus caruanas, treinando o noviço para que ele possa controlar as suas incorporações, de modo que elas ocorram somente em ocasiões e lugares determinados.

O pajé durante esse período de iniciação passa por esses sofrimentos e mais tarde atinge um equilíbrio entre seu corpo e as entidades. Por isso afirmam ser importante o cuidado com o corpo, pois nele que as entidades se manifestam exercendo seu poder.

O pajé fazendo as suas obrigações para seus guias, cuidando do seu corpo alcança boas energias, mais forças para realização de qualquer tipo de trabalho, além disso, fica mais protegido para qualquer eventualidade sobre cargas negativas. Essa carga negativa pode ser através de algum espírito ou de alguma pessoa que queira fazer o mal.

Analisando a trajetória do Seu Betinho e do Seu Edmir logo quando começou é interessante que mesmo não aceitando, hoje eles sentem orgulho de ser um pajé/curador. Ajudar uma pessoa a se curar ou fazer outro tipo de bem e ser reconhecidos e ter prestígio através do seu trabalho, ganhando gratidão, tendo novas amizades, etc. São laços que vão se construindo através desse espaço que gira em torno da pajelança.

Partindo do pressuposto que dentro da pajelança ocorre um processo de integração social, Gustavo Pacheco (2005) comenta que o pajé estabelece uma rede informal de solidariedade. Geralmente os integrantes são ex-clientes, amigos, vizinhos, abatazeiro, os serventes, etc., formando uma irmandade. É através dessa irmandade que os laços entre o pajé

⁴¹ O "prender" ou "suspender" é um trabalho realizado pelo pajé para não deixar as entidades se manifestarem no médiuns. São vários os motivos para a realização desse trabalho como, por exemplo, quando é muita criança, o corpo não está preparado para receber as entidades; quando a pessoa não aceita seu dom de mediunidade, etc.

e as demais pessoas vão se entrelaçando. Nesse sentido, Gustavo Pacheco (2005) faz uma categorização sobre o processo de irmandades na pajelança.

Nem todos os curadores mantem em torno de si um grupo regular. Podemos pensar em contínuo que teria ao extremo, pessoas que foram encruzadas, mas não trabalham ativamente como pajés, mantendo apenas um altar doméstico, fazendo pequenos remédios, para si mesmos ou para os mais próximos, e eventualmente dançando no terreiro de algum pajé como espécie de aprendiz. Em seguida, encontramos pajés que não tem terreiro e trabalham de forma independente, na própria casa ou na casas de seus clientes, e se limitam a serviços mais simples e menos onerosos do que os toques e serviços de tambor. Outra categoria seria a dos pajés como Justino, que dispõem de uma assistência, mas não de um barracão, e não realizam festas de irmandade. Por fim, no outro extremo, teríamos os pajés que mantem um terreiro, com barracão próprio e um núcleo mais ou menos permanente de pessoas para acompanha-lo, realizam toques com alguma regularidade e gerenciam irmandades que podem chegar a dezenas de pessoas.(PACHECO, p. 131).

Nessa categorização Seu Betinho e Seu Edmir estão inseridos na ultima categoria, tem um terreiro com barracão próprio e possui um núcleo como assistente. Formaram as suas próprias irmandades, pois têm seu público que sempre acompanham as suas festividades dentro dos seus barracões, selando uma forma de fidelidade perante o pajé e muitas vezes sobre as próprias entidades.

Ainda sobre o viés das irmandades, ela ocorre, sobretudo entre os próprios pajés, ou seja, são comuns os pajés 'brincarem' no barracão de outros pajés. Isto reforça a fidelidade que uns tem para com os outros, além da própria amizade que os mesmo possuem entre si.

É interessante que na narrativa dos dois pajés fica evidente o sobrepeso dessa 'carga'. Analisando com mais precisão, isso ocorre pelas aflições logo no início da sua mediunidade, as doenças provocadas pelas entidades, as obrigações que precisam ser realizadas, o cuidado com o corpo, a sua subserviência diante das entidades, ou seja, existe toda uma dinâmica, nem sempre agradável, que envolve o ser pajé. No entanto, não são todos que conseguem aguentar essa 'carga'.

As pessoas que fazem parte do universo religioso possuem um comprometimento, assumir essa "carga" exige responsabilidade e esforço. Pois, além de fazer as obrigações, oferendas, festas, etc., para seus guias, o médium precisa ter o cuidado com o corpo e também, enfrentar as doenças e aflições causadas por eles.

Entre pessoas que fazem parte da religião afro-brasileira é comum dizer quer "Quem está fora não queira entrar e quem está dentro não queira sair". Essa frase que pode está inserida no imaginário social, pois explica muitos elementos que permeia a pajelança e o

próprio pajé. Para Sandra Pesavento (1995, p 24), o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas.

É interessante perceber que a pajelança enquanto um sistema de crenças afro-brasileiro permeia por todas essas dinâmicas relacionadas com o pajé e, sobretudo, com as entidades que fazem parte desse mundo encantado.

As histórias de muitos pajés precisam ser contadas para que possamos entender através da sua experiência, da sua memória, dos seus ensinamentos, etc., elementos que contribuem para a compreensão da pajelança.

A pajelança é um mundo cheio de mistérios, magias que estão muitas vezes além da nossa compreensão e como os pajés falam "o que se vê não se fala", ou seja, são varias frases ou expressões que são usadas para dar sentido aos segredos que não podem ser desvendados, cabendo a eles, somente seguir o que foi passado pelas entidades.

O pajé precisa ter precaução ao falar sobre a sua mediunidade, os elementos que envolvem os encantados, os trabalhos realizados por eles. O que acontece em torno do pajé e dos seus guias são descritos de forma um pouco superficial, não se intensificando no assunto.

Percebi essa relação de fidelidade entre o pajé e os seus guias através das histórias de vida do Seu Betinho e Seu Edmir. Ambos narraram de como começaram enquanto pajé, das festas e obrigações dedicadas aos seus guias, mas a proposito de se intensificar na história dos encantados (ou guias) envolve o segredo, o medo em revelar e ser punido. É nessa perspectiva que são construídos as relações místicas sobre esses 'seres'

São laços que ganham força a proporção das experiências adquiridas, com base no saber, no respeito, na confiança e principalmente na fidelidade.

4 A ARTE DE CURAR

4.1 AS FORMAS DE TRATAMENTOS

O sentindo de curar dentro da pajelança tem um significado muito caro. Curar o corpo quando está doente, curar os infortúnios, as perseguições, as angústias, os problemas, etc. Para todo um tipo de doença, seja ela física ou espiritual, há sempre um tratamento que pode ser realizado.

A arte de curar se dá, conforme a literatura acadêmica e os praticantes da pajelança, pelo dom que o pajé carrega desde o nascimento. Além disso, os encantados ajudam a sanar doenças, indicando tratamentos com ervas medicinais e remédios farmacêuticos, dependendo do grau de complexidade.

É interessante perceber, como já foi explanado, que essa prática de curar ao longo dos anos vem se aperfeiçoando. Ressaltando que quem recorria ao pajé/curador, geralmente eram pessoas simples que não tinham condições de pagar uma consulta médica. Hoje, as possibilidades de se consultar com um médico são mais fáceis, apesar das dificuldades encontradas no SUS (Sistema Único de Saúde), e com o avanço tecnológico-científico, ainda procura-se o pajé em busca de tratamento.

Na cidade de Cururupu essa prática é muito procurada por várias pessoas, independente do *status* social. Em contrapartida, as pessoas que procuram o pajé, ao mesmo tempo procuram um médico. Essa relação também ocorre entre o pajé e o médico. Alguns médicos indicam pacientes para se tratarem com os pajés. Trata-se, portanto, de uma relação dúbia, pois de um lado está um doutor com saberes científico e do outro lado, um homem com experiência adquirida com seu dom. São relações que se entrelaçam e convivem muitas vezes pacificamente.

O curar dentro do terreiro depende muito da fé que a pessoa tem em querer se curar e da confiança depositado no pajé. Seguindo corretamente as indicações que o mesmo passar.

Para os especialistas, a cura é entendida como um processo, no qual diversos elementos estão envolvidos: a religiosidade, a crença do consulente, do pajé e da assistência; o manejo das ervas e outros materiais considerados curativos. (MOTA, 2009, p. 161).

As pessoas vão buscar tratamentos para doenças físicas, geralmente são dores no corpo, dor na cabeça, febre, ferimentos no corpo, etc. E, para cada tipo de doença, o pajé receita um remédio. Além disso, o pajé pode ser procurado para outras finalidades, como diz Seu Betinho (2015) "pra fazer cura quando tá doente, às vezes uma febre, um benzimento, até cura mesmo

de maloficios, assim a procura de um animal, às vezes um boi...". Na fala de Seu Betinho não necessariamente o pajé só cura doenças, mas pode encontrar alguma coisa que se perdeu ou foi roubado. Então, são bem variados os *trabalhos*⁴² que o pajé realiza.

As doenças espirituais são as mais procuradas pelo pajé. Isso ocorre por dois aspectos: o primeiro pode ser ocasionado e o segundo, pode ser em função do castigo dos encantados. Seu Edmir comenta que as pessoas que o procuram estão sofrendo de bicho d'água, astral e porcarias no corpo. Nessa perspectiva o pajé faz a sessão para sanar essas doenças, pois o *trabalho* é mais complexo. Conforme relata Seu Betinho (2015): "O procedimento é o seguinte, quando dá pra tirar de boca, quando dá pra tirar de xícara, tira de xícara, quando dá pra tirar no purgante sai no purgante".

Cada pajé trabalha a sua maneira, de acordo com as suas técnicas. Seu Betinho já usa muito o purgante nos seus tratamentos, já Seu Edmir realiza muito com banhos. Entretanto, os tratamentos dependem muito da doença que cada pessoa tem.

Abordando um pouco sobre as doenças espirituais é interessante que no primeiro aspecto, as doenças são ocasionadas, ou seja, são provocadas por alguém motivado por inveja, brigas, etc., essa "doença" é conhecida como feitiço, "coioô", "trabalho feito". O feitiço pode ocasionar a morte se não for tratado o mais rápido possível. A pessoa que sofre desse tipo de 'doença' apresenta febre, dores no corpo, calafrios ou algum tipo de ferimento.

Para sanar o feitiço, o pajé dependendo da situação pode fazer uma sessão de cura para retirar as "porcarias" que estão no corpo do doente e passar alguns banhos. Além disso, têm outras medidas que não podem ser descumpridas como evitar comer comida remosa, abstinência sexual, ficar na rua nos horários de meio-dia, às dezoitos horas e a meia-noite, etc., ou seja, o doente tem que fazer seu resguardo para não quebrar o procedimento feito pelo pajé, evitando que o feitiço volte com mais força provocando sua morte, já que o corpo esta enfraquecido.

O segundo aspecto da doença espiritual pode ocorrer em função dos encantados, geralmente são pessoas que possuem alguma *mediunidade* e não querem assumir as suas obrigações ou quando o pajé desobedeceu e deixou de realizar alguma obrigação para com suas entidades. Nesse sentido, as doenças podem ser conhecidas com flechadas ⁴³ e perturbações.

-

⁴² Trabalho são os serviços realizado pelo pajé (exemplos: problemas de saúde, financeiro, amoroso, etc.).

⁴³ De acordo com as descrições de quem já passou por tal experiência, as flechadas se assemelham a picadas (invisíveis) no corpo que correspondem ao momento em que o mal penetra no mesmo. (MOTA, 2009, p. 143).

As pessoas que sofrem algum tipo de perturbação ou quando são flechadas por algum encantado é devido muitas vezes não fazerem as suas obrigações e, por isso, são castigadas. Outras vezes, ocorre quando a pessoa não aceita seu dom e os encantados provocam vários tipos de males. Nessa perspectiva, o pajé, ao ser procurado, receita alguns banhos e também é realizado um *encruzo*.

Todos esses tipos de doenças provocam energia negativa, seja ela física ou espiritual. Por isso, o corpo tem que estar em harmonia, puro, trazendo bons fluídos porque toda a parte do corpo é sagrada e tem sua importância dentro da religião.

Conhecendo sobre alguns dos tratamentos usados pelo pajé e a sua utilidade. Temos o banho, a defumação, a garrafada, as infusões, chás, os benzimentos, amuletos, etc.

Os banhos servem para ajudar nos tratamentos das doenças, além disso, pode ser feito com ervas medicinais ou aqueles que são comprados na casa de feiticeiras. A defumação é muito importante, pois serve para limpar o barração. Na pessoa doente a defumação serve para a limpeza do corpo, afastando cargas negativas.

A garrafada é feita com vários tipos de ervas e dependendo da doença é receitado um tipo. Geralmente é para tosse, catarro no peito, fortificante, etc. Servem para todos de forma em geral.

O benzimento é um tipo de tratamento que além do pajé, os benzedeiros e curadores também realizam. Quando é feito pelo pajé geralmente são pessoas que estão com quebrantos, principalmente crianças. Outro ponto importante, quando uma pessoa está doente, muitas vezes é levada uma peça de roupa que a pessoa estava vestindo para ser benzida e ver a possível causa da doença.

Os amuletos são uma forma de segurança que o pajé faz para a pessoa doente, serve para a proteção do corpo, afastando qualquer mal. O amuleto é uma segurança muito usada pelos frequentadores da religião afro-brasileira com a finalidade de proteger e também de atrair a sorte.

Podemos perceber através das análises da historiadora Laura de Melo e Sousa (1986, p. 151), que mostra o uso de patuá, amuletos, dos banhos e muitos outros elementos usados para proteção de malefícios e atração da sorte. Assim como Gabriela Sampaio (2000, p. 208), avalia os diversos procedimentos de Juca Rosa, acusado como feiticeiro no Brasil Império. A autora aponta semelhança entre as práticas deste feiticeiro com as práticas da Umbanda e do Candomblé. Porém, hoje essas práticas sofreram ressignificação, há uma dinâmica cultural, social e religioso que sempre está em constante movimento.

São vários procedimentos e tratamentos que o pajé utiliza para curar algum tipo de doença. Evidenciando que algumas doenças são bastante complexas, podendo provocar a morte do pajé, caso este não consiga resolver. E por isso, o pajé tem que ter muita força, pois após a sessão o corpo fica fraco.

É muito comum alguém que frequenta ou já frequentou o barração onde acontece a pajelança, conhecer algum fato de pajés que já perderam sua vida em prol de salvar outra, durante algum trabalho realizado. Esse acontecimento é interpretado da seguinte forma: a pessoa que está doente está muito carregada e o trabalho realizado exige muita força espiritual do pajé. Quando são realizados esses trabalhos, os pajés sabem o risco que podem estar correndo. No entanto, não são em todos os trabalhos que acontecem esse tipo de situação, colocar a vida do pajé em perigo.

Aqui a gente já ouviu muitas histórias dos antigos. Quando eu morava no povoado de Cururupu, eu e meu pai sempre íamos no pajé. Esse pajé não lembro o nome dele, faz muitos anos. Era conhecido e muita gente ia lá atrás dele, de remédios, da cura mesmo.

Uma certa vez, apareceu uma mulher muito doente, que já tinha ido em vários pajés e ninguém curava ela. Quando ela chegou lá no povoado, o pajé foi mirar ela e disse que o trabalho que fizeram pra ela foi bem feito e era muito difícil de resolver. Aí, ele foi bater um tambor pra ela. Nesse dia eu não fui, só papai mesmo, em em... aí, bateram o tambor, quando ele começou dançar, tirou umas coisas nela. Aí, fez a cura dela lá.

No outro dia ela tava de resguardo e aí falaram que o pajé tinha adoecido tava ruim mesmo, ninguém sabia o que era. Aí chamaram um outro pajé e ele disse, dizendo o povo lá, que as coisas dela passaram para o pajé. Aí, quando foi de tardinha, ele morreu, porque ele não aguentou todo mundo ficou surpreso porque ele era um bom pajé. (MARIA JOSÉ, 2015).

Esta história contada por Maria José é uma situação que ocorreu com um pajé que ao tentar curar uma mulher doente, acabou morrendo. Podemos perceber vários elementos nesta narrativa, como a procura da mulher por um pajé que pudesse curá-la e, por isso, muitos a rejeitaram por se tratar de um caso difícil. A segunda seria o "trabalho feito", provavelmente um feitiço feito por algum desafeto e, o terceiro elemento, a vida do pajé. Ao tentar curar, o mesmo também expõe seu corpo para uma possível consequência, ou seja, o corpo fica 'aberto', desprotegido, causando muitas vezes algum tipo de dano à sua saúde. Ao realizar qualquer procedimento de cura o pajé deve estar forte para não ocorrer nenhum problema.

É interessante notar que o corpo deve sempre estar em equilíbrio, limpo, para não contrair nenhum tipo de doença que possa prejudicar a sua vida. Isso porque o corpo fica enfraquecido e acaba também diminuindo a força da entidade, já que o seu corpo é a ligação entre o mundo físico e o mundo espiritual dos encantados.

Outra situação comum são pessoas que vão procurar o pajé já com a saúde bastante comprometida e, devido a isso, alguns serviços realizados pelo pajé não tem muita eficácia. Além disso, se o doente não seguir corretamente as instruções do pajé, este pode vir a óbito. Ora, o trabalho pode dar certo ou não. É relativo a situação, cada caso é um caso a ser analisado. Portanto, a credibilidade do pajé pode estar em jogo. O trabalho tem que ser eficiente e satisfatório para o pajé e o cliente.

Avaliando o trabalho do pajé é necessário entender a ajuda dos encantados em tentar curar algumas doenças, com algum tipo de tratamento, no entanto, nem todas as pessoas e doenças são curadas, o que traz muitas implicações. Primeiramente, se a pessoa doente fez as instruções corretas, a segunda se usou os remédios, terceiro já é uma situação mais complicada é que a doença já poderia estar comprometendo muito a saúde e mesmo o pajé fazendo algum trabalho, não deu para curá-lo, isso pode acontecer pela demora em procurar algum pajé.

Analisando esses fatos, são casos isolados que ocorrem quando realmente foi feito tudo para sanar a doença. É interessante ressaltar que o pajé mesmo com seu dom está propício a não acertar sempre. E na fala do Seu Betinho e do Seu Edmir que ao realizar algum tratamento sempre pede ajuda de Deus e dos encantados para que tudo ocorra bem. Podemos perceber que embora o pajé seja experiente, a vida do doente, para ele, depende muito dos planos de Deus. É muito evidenciado nas narrativas dos pajés a ajuda de Deus e dos encantados, observando uma hierarquia. Primeiro Deus, segundo os encantados e, no terceiro plano, o pajé. Cada um desemprenhado o seu papel.

Quando tá fazendo um trabalho pra aquela pessoa, de fazer cura, seja ela no banho, seja de cura tirando de boca ou de xícara ou de qualquer coisa naquele momento, ele tá tratado de fazer uma pajelança pra escapar uma pessoa, dar uma vida pra pessoa, uma vida renovada pela cura, porque nós temos três espécie de vida: nós temos nossa vida que Deus nos deu atual, temos vida renovada por Deus, quando Deus renova quando entra numa lei católica ou **numa lei de crente**, é renovada porque tá renovando **e também renovando quando tá na beira do abismo quase morrendo e é resgatado pelo médico ou pelo pajé** que ele nasce e pega aquele ânimo todinho e tal, ele é renovado, é renascido naquele momento. (SEU BETINHO, 2015, grifos meus).

A renovação da vida se dar por uma segunda chance em viver, permitindo essa nova chance através da fé, de uma nova religião. A pessoa pode buscar um novo sentido em viver através do Catolicismo, Protestantismo, nas religiões afro-brasileiras, entre outras. Mediante a aceitação dessa nova vida, a pessoa vai viver de acordo com os preceitos da religião escolhida. Seu Betinho ao falar de renovação está permitindo refletir que o 'salvamento' da pessoa seja pelo médico ou pelo pajé, insere em resgatar uma nova vida.

Alguns dos remédios que o pajé usa para curar ou amenizar doenças são a cebolinha branca, alho macho, aguardente, azeite de dendê, rosas, arruda, cachaça e entre outras ervas. Muitos desses ingredientes são misturados com outros na composição de banhos, chás, infusões, etc.

A cachaça é uma bebida muito usada dentro do barração, além de alguns encantados ingerirem a bebida, serve para tratamento de doenças. Pode ser usada pura, diretamente no corpo ou colocada com rosas, arruda e outras plantas.

As rosas são muito usadas na preparação de banhos, com água benta, cachaça e álcool. As mais utilizadas são as rosas brancas e esse banho serve para a limpeza do corpo.

Outros remédios que o pajé usa o azeite, ele puro serve para conservação das guias ou, misturado com outros ingredientes, como por exemplo, junto com a cebolinha branca ou alho. Estes são muito usados para dores nas articulações, fazendo fricções diretamente no corpo.

O pajé usa as mais variadas formas de tratamentos, desde as simples até as mais complexas, com auxílio dos banhos, defumação, benzimento, etc. e uma ajuda primordial para auxiliar melhor nos tratamentos são a força e o conhecimento dos encantados. Todos independente da linha ou corrente descem no pajé para ajudar.

4.2 O ENCRUZO

Como já foi explanado o pajé passa por alguns estágios na sua vida religiosa. Primeiro ele adoece, sofre e depois se fortalece. Esse processo de fortalecimento geralmente ocorre quando ele passa pelo rito de iniciação chamado *encruzo*.

A iniciação perpassa todas as religiões afro-brasileiras. Cada religião tem o seu nome específico e cada uma o ritual de iniciação é diferente, ou seja, no Candomblé, na Umbanda, no Tambor de Mina e no Terecô. No entanto, alguns procedimentos feitos na iniciação dessas religiões possuem semelhanças, como por exemplo, as recomendações de abstenção das comidas remosa e das relações sexuais, o resguardo do corpo, etc.

Na fase entre sete a dezessete anos de idade, quando as manifestações das entidades no corpo ainda não estão organizadas, geralmente é realizado um serviço para suspender as entidades com a finalidade de fortalecimento do corpo, mediante as realizações das obrigações. É uma fase inicial antes do *encruzo*.

Antes de realizar o *encruzo*, o iniciado⁴⁴ procura outro pajé mais experiente para fazer o seu trabalho. O rito de iniciação é fundamental para o pajé, pois através dele, o mesmo vai adquirir novos conhecimentos e o mais importante, o seu firmamento na terra enquanto um pajé. De acordo com o antropólogo Roger Sansi, "o processo ritual através do qual a mãe-desanto como iniciadora, "põe a mão na cabeça", mostra os segredos do culto e dá os elementos necessários para que a pessoa "assente" os santos. O "dom" dos médiuns, por outro lado, permite produzir inovações rituais, produzir novos espíritos e novos elementos nos altares". É interessante que essa analise que o Sansi faz pode remiti a todas as religiões afros, inclusive à prática de pajelança.

Durante a consulta do iniciado com o pajé são firmados todos os preparativos para seguir com o *encruzo*. É pedida uma lista com as despesas da sessão, como refrigerante Jesus, cerveja, cachaça, velas, flores para ornamentar, além disso, o pagamento. O pagamento é feito de varias formas, sendo este por dinheiro ou um pagamento simbólico, referindo a algum tipo de ajuda na preparação do barração, no preparo das comidas, etc.

O ato de pagar não está condicionado ao mecanismo de pagamento em si, nem na situação de pagador e objeto pagante, nem mesmo num compromisso moral e ético das duas partes envolvidas no processo [...]. Pagar com dinheiro, pagar com alimentação, pagar com sacrifícios de animais, pagar com música e dança, pagar construindo templos, pagar ofertando ex-votos, pagar destinando atribuições são modalidades comuns e observáveis no imenso patrimônio que nos oferece a cultura popular.(LODY, p.78).

Na pajelança o *encruzo* é uma etapa que o pajé se firma na terra, ou seja, é através dele que o corpo se fortalece. As perturbações, aflições e doenças que eram provocadas pelas entidades são amenizadas. O pajé fazendo as suas obrigações e tendo o resguardo do seu corpo, não sofrerá nenhum dano cometido pelas entidades.

Seu Betinho teve seu processo de iniciação com uma vodunsi da Casa das Minas e depois teve mais ensinamentos com Isabel Mineira. O Seu Edmir já fez o seu encruzo com vinte seis anos com um pai de santo de Belém, residente em Cururupu. Ambos os pajés não dão muito detalhes desse *encruzo*. Comentam somente dos resguardos que tiveram de fazer e, além de adquirirem mais força.

Todo esse sigilo que envolve é devido aos fundamentos do ensinamento, ou seja, o "novo pajé" está incorporando novos elementos, novas energias, novos preceitos. Perpassando novamente pelos segredos que envolvem o pajé e o encantado, muitas coisas não podem ser faladas, parte muito do pressuposto da fidelização que o pajé vai ter com as suas entidades e,

⁴⁴ Defino como iniciado devido a sua pouca experiência no campo da pajelança.

geralmente, quem não compartilha dessa fidelidade com as suas entidades é castigado. É interessante que sempre há um elo entre o pajé e a entidade, o pajé sempre obedecendo para que não sofra algum tipo de punição.

De acordo com Christiane Mota (2009), a iniciação é "um rito de passagem que demarca a mudança para outro estado de ordem e saúde, pois até então é atingido por doenças inexplicáveis, mas, em alguns casos, esse rito institui a passagem para posições na hierarquia no barração". O pajé ao ser *encruzado* vai buscar o equilíbrio com o seu corpo, fazendo as suas obrigações necessárias. Porém, os pajés sempre vão estar sujeito às doenças provocadas pelos encantados como aponta Maués (2005), "nunca se cura inteiramente das 'doenças' (chamada de corrente de fundos)". Essas 'correntes de fundos' são entidades que não necessariamente fazem parte da linha que o pajé recebe, essas entidades podem provocar doenças, no entanto, o pajé já está mais preparado e mais forte para sanar essas doenças provocadas por qualquer tipo de entidade.

No entanto, não são todos os pajés que fizeram o *encruzo* e mesmo assim, continuam levando sua vida religiosa perpassando por vários problemas. Iniciar dentro de qualquer religião afro-brasileira não é uma escolha fácil de fazer, isso porque envolve várias decisões.

Ser um "novo pajé" é assumir novas responsabilidades perante seus guias. Além disso, as suas obrigações serão redobradas com as festas realizadas no barração, os atendimentos aos seus clientes, as sessões de cura, etc. Tudo isso vai fazer parte da vida desse "novo" pajé.

4.3 O "NASCIMENTO" DE UM NOVO PAJÉ.

Durante o mês de agosto no terreiro de Santa Bárbara estava sendo feito a festa de obrigação para o encantado Piquinininho e também foi realizado um *encruzo* para um novo discípulo de Seu Edmir.

Antes de acontecer o ritual propriamente dito, o salão é preparado pela servente do pajé com defumação, ornamentação do altar e um banho preparado pelo Seu Edmir. Isso ocorre para a limpeza do ambiente trazendo boas energias. É importante frisar que a limpeza do barração e das pessoas que estarão presente no ritual são imprescindíveis, o corpo tem que estar limpo para o "nascimento" de um novo pajé.

Ao realizar o *encruzo* existe toda uma preparação antes, durante e depois do ritual. Antes de acontecer a sessão, o terreiro é varrido, defumado e ornamentando pela servente do pajé. Eliminando qualquer tipo de energias negativas.

Nesse ritual segue toda uma norma a ser seguida: as roupas dos discípulos são brancas, assim como a roupa do *encruzado* (a), as pessoas que participam vestem-se de acordo com a ocasião com roupas de tons claros. O pajé muitas vezes usa roupa branca, porém, nesse dia, Seu Edmir usou a cor verde por determinação do próprio Piquinininho. Além disso, as pessoas participantes dançam somente no cordão que é realizado, afastando-se do centro onde é feito o trabalho.

É interessante perceber que o encantado Piquinininho não gosta muito de formalidades, ou seja, ele não gosta de ficar muito tempo vestido e calçado. É uma característica dele próprio, enquanto muitas entidades gostam de toda a exuberância de suas roupas. Seu Edmir nos seus relatos orais já tinha feito essa observação sobre seu guia e, durante as sessões que participei, pude perceber esse detalhe. Como no *encruzo* todos tem que estar vestido, Seu Piquinininho ficou por um tempo vestido, mas depois ficou a vontade do jeito que ele gosta.

Na preparação do *encruzado* o mesmo passa por um período de pré-resguardo, passando por uma limpeza no corpo feito com defumação, um banho com pétalas de flores e por fim, a própria alimentação é feita com uma comida simples, geralmente uma canja ou um mingau. Após esse procedimento o mesmo fica recluso no quartinho do pajé.

Uma peça importante para acontecer a sessão do *encruzo* é a participação dos padrinhos, estes assumem um papel de ajudar a resguardar o corpo do iniciado. A escolha é feita pelo próprio iniciado, geralmente são alguns membros da família.

A sessão começa acontecer por volta das 23 horas, com o som dos tambores e das cabaças. O pajé saúda e faz a entoação de uma doutrina de abertura, somente para aquecer. Os seus discípulos acompanham fazendo uma roda dançando e cantando a doutrina.

Enquanto são cantadas as primeiras musicas, o *encruzado* permanece recluso no quartinho do pajé acompanhado pelos seus padrinhos⁴⁵ de cerimônia. Geralmente, a família e amigos do *encruzado* participam da sessão dando suporte, apoio para esse "novo pajé" porque a jornada está apenas começando.

O pajé começa a ter a manifestação da entidade que vai realizar a iniciação, sendo o próprio Piquinininho por conta da sua festa. Já em *transe*, o Seu Piquinininho manda chamar o *encruzado* por volta de meia-noite. É colocado um banco bem no centro do salão para o *encruzado* ficar sentado durante a sessão.

Ao chegar ao salão o *encruzado* vem acompanhado pelos seus padrinhos, todo de branco e com uma vela acesa na mão. O mesmo senta no banco e o pajé e os discípulos

-

⁴⁵ Ver MOTA, 2009. P. 117.

começam a dançar ao seu redor. Nesse momento a vida do *encruzado* está nas mãos do pajé, que consistirá em atribuir uma nova vida e como Seu Betinho diz, será uma vida renovada. Essa vida renovada percebemos em certo momento do *encruzo*, que mais adiante retomarei.

Enquanto são cantadas as músicas ao som dos tambores e cabaças, o pajé toma uma bebida feita com vários tipos de ervas e nesse momento se dirige ao *encruzado* fazendo uma consulta no seu corpo, principalmente na cabeça que é o lugar mais importante. Nesse momento duas discípulas estendem um lençol branco no chão para o *encruzado* deitar quando perder seus sentidos.

Todos os procedimentos preparado pelo pajé e por suas discípulas são realizado cuidadosamente para não implicar em nenhum erro. Mediante isso, os padrinhos são chamados para o centro do salão juntando-se com o encruzado e o pajé. É o momento da benção dos padrinhos, nesse sentido os mesmos colocam as mãos na cabeça do *encruzado* e são feitos orações pedindo proteção para esse "novo pajé". Além disso, são acesas várias velas brancas trazendo boas energias e também simbolizando a luz para guiar suas entidades.

Realizado a benção dos padrinhos, o pajé por sua vez coloca a mão na testa do *encruzado* fazendo com que ele perca o sentido. Nessa perspectiva o corpo fica imobilizado, como se o *encruzado* morresse. Prosseguindo com o ritual do *encruzo*, algumas pessoas carregam o *encruzado* colocando no lençol que estava estendido no chão. É um momento de grande precisão para o pajé realizar o *encruzo* no corpo desfalecido do *encruzado*.

Sobre o lençol o corpo do *encruzado* é colocado, além de ser coberto com outro lençol branco. O pajé põe velas brancas, amarelas, azuis e rosas acesas ao redor e por cima do lençol são jogadas pétalas de rosas vermelhas. Por alguns minutos todos dançam ao redor do *encruzado*, ainda desfalecido.

O pajé começa a fazer alguns procedimentos por baixo do lençol branco muito minucioso. Dá para perceber que o pajé assopra fumaça de um cachimbo na cabeça do *encruzado* por alguns minutos e logo em seguida passa algum tipo de ervas no corpo.

Feitos os procedimentos cabíveis, o pajé vai trazer de volta a consciência do *encruzado*. O *encruzado* antes de acordar passará por um processo de transição, seu corpo está carregado de novas energias e o mais importante, o seu renascimento como um "novo pajé".

Seu Edmir coloca a mão na testa do *encruzado* fazendo com que ele volte aos seus sentidos. Retomando a consciência são colocados os guias em seu pescoço e, novamente é coberto com o lençol somente na sua cabeça, e sai do salão acompanhado do pajé e dos padrinhos para o quartinho. Enquanto isso, no salão os discípulos continuam com o ritual.

Para finalizar a cerimônia esperam-se todas as velas queimarem, os restos dos materiais usados no ritual são colocados dentro de saco e depois enterrado. O pajé faz o encerramento cantando as últimas doutrinas e todos fazem o 'salve'. Os instrumentos são guardados, os discípulos saem em direção a um quarto para troca de roupa e depois encaminham para suas casas.

O Seu Piquinininho continuava na crôa do Seu Edmir, porém já não estava mais curando ninguém, apenas tomando uma cerveja que foi oferecida a ele. Por volta das cinco da manhã o *encruzado* foi para casa coberto com um lençol para fazer seu resguardo, mediante o cuidado da sua esposa e madrinha de cerimônia.

Analisando alguns pontos que acontecem no *encruzo* é interessante esclarecer que cada pajé faz o ritual á sua maneira, ou seja, assim como a pajelança tem suas particularidades em cada local. O seu Edmir faz o *encruzo* diferente do Seu Betinho que por sua vez faz diferente dos demais pajés tanto de Cururupu quanto das demais localidades onde a pajelança está presente.

Retomando aos pontos que considero importante no *encruzo*, o primeiro seria o "firmamento na terra", o segundo a "morte" e o terceiro o "nascimento". Todos estão interligados, à medida que o *encruzado* está firmando na terra o seu corpo passa por um estágio de 'morte' e nascimento. De acordo com Mota (2009) "a ideia de lugar e de firmeza na terra aponta, literalmente, a necessidade de firmar não só o lugar demarcado para a iniciada durante o rito, mas, também, onde o corpo vai ser demarcado". Ainda continuando com as palavras de Mota, sobre a morte ela ressalta que o corpo é exibido imóvel durante horas, mas é como se ali ninguém estivesse. Permanecesse aos observadores a sensação de velá-lo, uma noção, literalmente, de passagem pela morte. Concluindo que "não é nem morte, nem vida, mas, a morte e vida".

Sobre a conclusão de Mota "não é nem morte, nem vida, mas, a morte e vida", podemos entender que o encruzo é a passagem para o nascimento de uma nova vida.

4.4 FIRMAMENTO DO 'NOVO PAJÉ'

Após o *encruzo* o 'novo pajé' vai seguir o resguardo do corpo para se fortalecer. É interessante pensar que o cuidado é essencial para não ocorrer à quebra do *encruzo*. Mediante isso o pajé acompanha todo o processo do *encruzado* fazendo as preparações dos banhos e outros tipos de remédio.

O resguardo do *encruzado* pode variar demorando em média trinta dias ou mais. Depois de concluir o resguardo é marcado novamente um tambor para "soltar" o "novo pajé". A cerimônia de soltura é bem parecida com a de iniciação, porém com algumas diferenças.

Trinta dias após o *encruzo*, Seu Edmir fez a cerimônia de soltura com a presença dos padrinhos, discípulos, assistência e algumas pessoa que estavam presentes. Por volta das 23 horas foi iniciada a sessão, todos os discípulos, o *encruzado* e o pajé estavam de branco. As similaridades com o encruzo são constantes.

Seu Edmir faz um salve nos tambores e começa a entoar as primeiras doutrinas, feito isso é chamado o *encruzado* e os padrinhos ficando no centro do salão e a sua volta ficam os discípulos. O pajé e os padrinhos colocam a mão na cabeça do *encruzado* fazendo uma oração. Os padrinhos se retiram do centro e o "novo pajé" integra o círculo com os outros discípulos.

A partir do momento que o "novo pajé" integra o círculo com os outros discípulos, o pajé já deu a permissão para dançar e receber as suas entidades. É claro, que o "novo pajé" ainda vai se aprimorar nas danças, nas doutrinas e no seu momento de *transe*. É um período de desenvolvimento entre seu corpo, seus guias e com a sua nova função de ser um pajé.

Os primeiros *transes* ainda são um pouco desajeitados, porém o novo pajé começará a controlar o seu corpo, ou seja, as entidades não vão baixar a qualquer hora, somente quando ele fizer o chamado. Isso significa que o novo pajé está consolidando e firmando as suas energias e mais ainda entrelaçando o elo entre ele e as entidades.

Eu assim que me encruzei, que comecei a dançar, eu era meio desengonçada, a música tava pro lado e eu tava pro outro lado (risos). Depois com o tempo comecei a me desenvolver, ter mais segurança, aí na hora já dançava direitinho, cantava melhor e meus guias aos poucos foram baixando. Eles me ajudam quando eu preciso. (Ana Maria⁴⁶, 2015).

Todos os discípulos do Seu Edmir possuem em suas casas o seu quartinho de obrigação, ou seja, esse quarto serve para colocar alguns santos católicos ou as figuras de suas próprias entidades. Além disso, podem realizar alguma obrigação quando são restrita e individual entre o pajé e os seus guias de cabeça.

Pressupondo que muitos pajés quando são recém-encruzados podem assumir uma tarefa de abrir seu próprio barração e assim realizar as festas de obrigações, construir a sua irmandade, etc. Tudo isso pressupõe tempo, desenvolvimento, confiança e credibilidade. No entanto, muitos pajés recém-encruzados preferem continuar com o seu pai de santo,

⁴⁶ Encruzada desde 2014 no terreiro de Santa Bárbara.

desenvolvendo ainda mais o seu processo de conhecimentos. Para além da escolha de abrir ou não um barração, pesa muito a decisão da entidade. Se o novo pajé tem as condições necessárias de abrir um barração, então ele vai abrir com a ajuda da sua entidade.

A construção de uma tenda transcende o ato de edificação de um espaço para trabalhos, rezas e festejos. Com ela, se institui um novo status: o "brincante" que possui uma tenda se torna pai ou mãe de santo. "Colocar barração" é também uma ação direta sobre as aflições que afetam a saúde dos terecozeiros e que são percebidas como resultado da ação dos encantados. (AHLERT, p. 137)

Ainda continuando com a visão da antropóloga Martina Ahlert é interessante que na sua análise sobre o Terecô na cidade de Codó, ao abrir um barracão implica em dupla referencialidade, sendo que a primeira acrescenta a identidade dos pais de santos, conferindo um *status* e melhora suas vidas e a segunda, estabeleceria limitações dentro das difíceis condições financeiras.

É interessante notar que o pajé é rodeado de várias situações que podem prejudicar e/ou ascender sua vida. Mediante a tal situação em que ele esteja vivendo, o mesmo deve estabelecer as suas relações com os seus guias. Levando em consideração que eles podem ajudar a resolver, manter e gerenciar qualquer tipo de problema. Nesse sentido, o novo pajé vai assumir uma nova tarefa que estará associada com a sua vida social e religiosa.

Fazendo alguns apontamentos é interessante perceber a arte de curar de cada pajé é peculiar, cada um possui a sua técnica e faz o seu procedimento. Levando em consideração o seu desenvolvimento e a sua firmeza na terra, mediante a ajuda dos seus guias.

Os encantados descem no pajé para ajudar, ensinar e passar seus conhecimentos. Como pais e filhos, uma relação que demostra afetividade, obediência e respeito. Tanto o pajé e os seus guias devem está em harmonia, equilibrando as suas energias.

A arte de curar é trazer a renovação, o renascimento de uma pessoa doente, fortalecendo o laço de fé que cada pessoa tem e a confiança dada ao pajé. São relações construídas a partir da vivência dos atores: pajé, encantado e cliente. A arte de curar envolve além do próprio comprometimento do pajé em curar de fato, mas também, a dança, as músicas, os discípulos, a assistência, os abatazeiro e o público, ou seja, é um conjunto com todos os participantes, todos em harmonia e com boas energias.

CONCLUSÃO

Falar de qualquer manifestação religiosa requer um cuidado especial. Ao escrever sobre a pajelança busquei compreender a sua representatividade enquanto uma prática cultural-religiosa muito vista na cidade de Cururupu, além de mostrar as relações construídas pelo pajé e os próprios encantados.

Analisar as sessões de cura, as formas de tratamentos, as festas, os encantados e participar do ritual como pesquisadora/telespectadora foram de grande relevância para compreender um pouco da dinâmica que acontece nos barracões de pajelança.

A pajelança é esse mundo mágico, permeado de mistérios, segredos. Os ensinamentos que os encantados passam para o pajé e repassam para seus discípulos. O conhecimento sempre está sendo repassado através da fundamentação existente na pajelança, através das experiências adquiridas na pratica, perpassando os momentos de aflições, da cura e do firmamento.

O pajé e os encantados são os atores principais da pajelança. Cada pajé percorreu seu caminho e embora houvesse problemas enfrentados em detrimento de não aceitar seu dom, ainda foi de grande aprendizado para se tornar um pajé. No entanto, cada pajé aceitou ou não seguir com o seu dom e aceitar que o encantado se manifestasse através do seu corpo, que tem grande representação na religião afro, pois é através do corpo que se torna instrumento dos seus guias para ajudar as pessoas.

Assim, narramos e interpretamos os estágios que os pajés enfrentam para se fortalecer, desde as doenças causadas pelos próprios encantados até o encruzo, se firmado na terra. Os pajés seguem buscando novos conhecimentos e aprendendo com os seus guias.

Concordando com a visão de Maués (1995) que a pajelança sofreu influências indígenas, integra um novo sistema de relações sociais e incorporara crenças e práticas católicas, kardecistas, africanas e da umbanda. Nesse sentido, a pajelança na cidade de Cururupu é múltipla e sincrética.

A arte da pajelança é complexa, pois envolve varias categorias como o pajé, os encantados, o corpo enquanto o sagrado, as doutrinas, as roupas, os santos católicos, as festas, os discípulos, o público, as doenças/aflições, o encruzo/firmar, etc., ou seja, é todo um conjunto que faze parte da pajelança, tornando-a uma prática conhecida em várias cidades do Maranhão, constituindo um polo cultural, além disso, a pajelança é vista em outros lugares do Brasil, como no estado do Pará, Amazônia e também tem algumas semelhanças com outras práticas religiosas e curativas existentes fora do Brasil.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

CADETE, Rosa. Entrevista realizada em novembro de 2014.

COUTINHO. João. Entrevista realizada em dezembro de 2015.

FERREIRA, Ana Maria. Entrevista realizada em agosto de 2015.

FERREIRA, Laide. Entrevista realizada em dezembro de 2015.

MOTA, Lucileide. Entrevista realizada em julho de 2014.

MOTA, Ledinha. Entrevista realizada em julho de 2014.

PINTO, Vitorio. Entrevista realizada em fevereiro de 2014

REIS, Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2015.

SANTOS, Candido. Entrevista realizada em dezembro de 2015.

SILVA, Sebastião. Entrevista realizada em novembro de 2014.

SILVA, Mariano. Entrevista realizada em agosto de 2015.

SILVA. Antônia. Entrevista realizada em dezembro de 2015.

SOUSA, Francisco. Entrevista realizada em julho de 2014.

BIBLIOGRAFIA

AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: uma etnografia sobre o terecô, precisão e Encantaria em Codó. Brasília: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2013. (Tese de Doutorado).

ALBERTI, Verena, Ouvir Contar: textos em História Oral, Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação. In História. São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

ANDRADE. Joel Carlos de Souza. **Os filhos da Lua**: poéticas sebastianistas na Ilha dos Lençóis-MA. Ceará: Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal de Ceará, 2002. (Dissertação de Mestrado).

ARAÚJO, Raimundo Inácio Souza. **O Reino do encruzo**: práticas da pajelança e outra (s) história (s) do município de Pinheiro- MA (1946-1988). Pernambuco: Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2015. (Tese de Doutorado).

BAIMA, Carlúcio de Brito. **"Toda cura para todo mal"**: discurso médico e práticas curativas no tratamento de doença e na conservação higiênica de São Luís (1880-1905). São Luís: Curso de Graduação em História da UEMA, 2012 (Monografia de Graduação).

BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. "Rotas e raízes" de ancestrais itinerantes. São Paulo: Programa de Pós Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, 2013. (Tese de Doutorado).

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. **O Pantheon encantado**: culturas, heranças étnicas na formação da identidade maranhense (1937-65). Salvador: Programa de Pós Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, 2007. (Dissertação de Mestrado).

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Contribuição à uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1989.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sergio Góes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.

_____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisiminos, 2003.

CARREIRO, Gamaliel da Silva; FERRETTI, Sérgio Figueiredo; SANTOS, Lyndon de Araújo, (Orgs.). **Missa, Culto e Tambor**: os espaços da religião no Brasil. São Luís: EDUFMA/FAPEMA, 2012.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1990.

DA MATTA, Roberto. **Conto de mentiroso**. Sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

. Relativizando: uma introdução à antropologia social. 6ª. ed. Rio de Janeiro, 2000.

D'ABEVILLE, Claude. **História da Missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas.** São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1975. [Escrito em 1614].

D'EVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614**. São Paulo: Siciliano, 2002. [Escrito em 1615].

FERREIRA, Euclides Menezes. Pajelança. São Luís, editora 2003.

FERREIRA. Marcia Milena Galdez. **Construção do Eldorado Maranhense**: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA (1930-1970). Niterói: Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2015. (Tese de Doutorado).

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Pajelança no Maranhão**: o processo de Amélia Rosa. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004.

Encantaria de Barba Soeira. São Paulo: Siciliano, 2001.
Maranhão encantado: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Ed. 2000.
Tambor de curador e pajelança em terreiros maranhenses . Quaderni del CREAM, vol. 8, 2008.
; LIMA, Zelinda Machado de Castro (org.) . Perfis da cultura popular : mestres, pesquisadores e incentivadores da cultura popular maranhense. São Luís: CMF, 2015.
FERRETTI. Sérgio Figueiredo. Repensando o sincretismo : estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.
Encantaria maranhense de Dom Sebastião. Revista Lusófona Culturais. V.1, n.1, $\overline{p.262-285}$, 2013.
S.; FERRETTI, M. Transe nas religiões afro-brasileiras do Maranhão . Caderno de Pesquisa. São Luís, v.11, n.1, p.106-127, jan./jun.2000.
FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A cidade dos encantados : pajelança, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia- a constituição de um campo de estudo (1870-1950). Campinas: Programa de Pós Graduação em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1996. (Dissertação de Mestrado).
GINZBURG, Carlos. O queijo e os vermes : o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. Ed. Companhia das Letras, 1987.
GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos : etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2003. V.46, nº2.
LE GOFF, Jacques. História e memória . Tradução: Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
LODY, Raul. O povo de Santo : religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
MAUÉS, Raymundo Heraldo e VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e religiões africanas na Amazônia . Belém: Ed. UFPA, 2008.
Catolicismo e xamanismo: comparação entre a cura e o Movimento carismático e na pajelança rural amazônica. Ilha: Florianópolis, v.4, n.2, p. 51-77, dezembro de 2002.
Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: Cejup, 1995.
Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. Estudos avançados, 2005.

MOTA, Christiane de Fátima Silva. **Pajés, Curadores e Encantados**: pajelança na baixada maranhense. São Luís: EDUFMA, 2009.

_____. **Doenças e aflições**: sobre o processo terapêutico na pajelança. São Luís: Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, 2007. (Dissertação de Mestrado).

NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, história e sujeito**: substratos da identidade. História Oral, v. 3, p. 109-116, 2000.

PACHECO, Gustavo de Brito Freire. **Brinquedo de cura:** um estudo sobre a pajelança maranhense. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. (Tese de Doutorado).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 09-27, 1995.

PRANDI, Reginaldo. Encantaria Brasileira. O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre Ética na História Oral. In: **Projeto História** (15), 1997. São Paulo: PUC.

QUINTAS, Gianno Gonçalves. **Entre maracás, curimbas e tambores**: pajelança nas religiões afro-brasileira. Pará: Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, 2007. (Dissertação de Mestrado).

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **A história do feiticeiro Juca Rosa**: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro Imperial. Campinas: Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2000. (Tese de Doutorado).

SANSIS, Roger. "Fazer o santo": dom, iniciação e historicidade nas religiões afrobrasileiras. Análise Social, vol. XLIV (1.º), p. 139-160, 2009.

SANTOS, Thiago Lima dos. **Navegando entre duas águas**: Tambor de Mina e Pajelança em São Luís do Maranhão na virada do século XIX para o XX. São Luís: Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, 2013. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005. Cap. 3 e 4.

SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS ENTREVISTA

DADOS DO PAJÉ:		
Identificação do entrevistado:		Idade:
Naturalidade:	Sexo:	
IDENTIFICAÇÃO DO TERREIRO		
Nome do terreiro:		
Fundado em: Dias de funcionamento:		
Linha do terreiro:		
Endereço:		

Entrevista com o pajé

- 1. O que seria Pajelança na sua concepção?
- 2. Teve processo de iniciação e como foi?
- 3. Aceitou de imediato ser curador?
- 4. A sua família apoiou? Como reagiram? Os amigos?
- 5. Sofreu preconceitos pela sociedade?
- 6. Como é a sua relação com os Encantados, os Caboclos e demais entidades do seu terreiro?
- 7. O que são os guias para você?
- 8. Como foi seu primeiro transe?
- 9. Sofreu algum tipo de castigo pelas entidades?
- 10. Como são roupas usadas nas sessões de cura?
- 11. As doutrinas que são cantadas são especifica para cada entidade?
- 12. Quais são os instrumentos usados? Para entidade é usado algum tipo de instrumento?
- 13. Quais são os serviços mais realizados no terreiro?
- 14. Como é feito o pagamento?
- 15. Como é realizada a sessão de cura?
- 16. Quais são as ervas usadas nos tratamentos de doenças? E quais são os outros remédios utilizados por você?
- 17. Como você ver a relação da pajelança com outras religiões?

ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS

Identificação do entrevistado:	Idade:	
Naturalidade:	Sexo:	
Profissão:		
Ocupação dentro do Terreiro: sim () não ()		
Qual a ocupação?		
Frequentador desde: Comp	arece sempre? () sim () não	

ENTREVISTA

- 1. Como começou o seu envolvimento com a Pajelança?
- 2. A prática da Pajelança representa alguma coisa na sua vida?
- 3. Teve algum problema ou um tipo de preconceito que você sofreu por frequentar o terreiro?
- 4. Você já usou de algum tipo de tratamento feito pelo pajé? () sim () não. Se a resposta for sim, qual (is)?
- 5. Você frequenta somente este terreiro ou vários?
- 6. Qual a sua relação com o pajé?
- 7. Você tem alguma relação com algum encantado (guias)?
- 8. Participa de alguma festa que acontece no terreiro?

ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS:

Identificação do entrevistado:		Idade:
Naturalidade:	Sexo:	
Ocupação dentro do terreiro:		
Frequentador desde:		
Comparece com frequência? Sim () Não ()		

ENTREVISTA COM O ENCRUZADO (A)

- 1. Qual é a sua relação com a pajelança?
- 2. Teve alguma resistência em aceitar a sua mediunidade?
- 3. Como foi a sua relação com as suas entidades?
- 4. Como foi seu primeiro transe?
- 5. Como foi encruzo?
- 6. Você sentia algum tipo de aflição antes de fazer o encruzo?
- 7. Ainda frequenta o barração na qual foi encruzado (a)?
- 8. O encruzo teve algum beneficio na sua vida
- 9. Pretende seguir na religião?
- 10. Teve apoio da sua família? Amigos?
- 11. Sofreu ou sofre preconceito em relação ao seu envolvimento com a pajelança?

APÊNDICE 2: BREVE BIOGRAFIA DOS ENTREVISTADOS

Ana Maria Ferreira – nasce no dia 03 de fevereiro de 1975 no povoado de Paxibal em Cururupu. Trabalha como lavradora, estudou até o 5° série do ensino fundamental. Participa do terreiro de Santa Bárbara há mais de dez anos quando precisou fazer um serviço para seu filho. Sua função é ajudar na preparação da comida.

Tempo de duração: 90 minutos.

Antônia Silva – nasce no dia 09 de abril de 1934 em Cururupu de 1934, em Cururupu. Profissão: aposentado. Estudou até o 4º ano do antigo primário. Frequentou durante muitos anos vários barrações de pajelança em Cururupu.

Tempo de duração: 60 minutos.

Candido Santos – nasce no dia 14 de novembro de 1970 em Cururupu. Trabalha como pedreiro. Estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Participa do terreiro de Santa Bárbara há mais de oito anos. Sua função é abatazeiro.

Tempo de duração: 70 minutos.

Edmir Mota – nasce em 1952, em Cururupu. Profissão: lavrador. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Chefe (pajé) do terreiro de Santa Bárbara.

Tempo de duração: 5h e 56 minutos.

Francisco Sousa – nasce no dia 13 de maio de 1980 em Cururupu. Trabalha como pedreiro. Possui o ensino médio completo. Participa do terreiro de Santa Bárbara desde criança, sua função é abatazeiro.

Tempo de duração: 48 minutos.

João Coutinho – nasce no dia 04 de março de 1941 no povoado Madragoa, em Cururupu. Profissão: aposentado. Estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Frequentou vários terreiros de pajelança em Cururupu e povoados.

Tempo de duração: 46 minutos

Laide Ferreira – nasce no dia 12 de janeiro de 1978, no povoado Acre em Cururupu. Trabalha como lavradora. Estudou até a 2ª série do ensino fundamental. Participa de vários terreiros de pajelança nos povoados e na cidade de Cururupu.

Tempo de duração: 47 minutos.

Leda Mota – nasce no dia 20 de outubro de 1965 em Cururupu. Trabalha como empregada doméstica. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Participa do terreiro de Santa Bárbara desde a sua fundação. É irmã do pajé Edmir e exerce várias funções no barração: caixeira, ajuda na preparação das comidas, organização do salão, etc.

Tempo de duração: 1h e 39 minutos

Lucileide Mota – nasce no dia 20 de julho de 1983 em Cururupu. Trabalha como vendedora. Possui o ensino médio completo. Participa do terreiro de Santa Bárbara desde criança, é filha do pajé Edmir. Sua função é no setor administrativo da festa.

Tempo de duração: 57 minutos.

Maria José Reis – nasce no dia 11 de abril de 1947 em Bacuri, atualmente reside em Cururupu. Profissão: aposentada. Participa do terreiro de Santa Bárbara há mais de quinze anos. Sua função é na preparação das comidas.

Tempo de duração: 43 minutos.

Mariano Silva – nasce no dia 27 de junho de 1880 em Cururupu. Profissão: professor do ensino médio. Escolaridade: formado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão. Participa do terreiro de Santa Bárbara há três anos.

Tempo de duração: 1h e 35 minutos.

Rosa Cadete – nasce no dia 18 de dezembro de 1965 em Cururupu. Profissão: aposentada. Escolaridade: Magistério. Participa do terreiro de Santa Bárbara desde a fundação. Sua função é caixeira e ajuda na preparação das comidas.

Tempo de duração: 1h e 17 minutos

Sebastião Silva – nasce no dia 19 de novembro de 1956 no povoado de Madragoa, em Cururupu. Profissão: carpinteiro. Estudou até a 3ª série do ensino fundamental. Participou de vários terreiros em Cururupu.

Tempo de duração: 54 minutos.

Umberto de França Ribeiro (Betinho) – nasce em 1952, em Cururupu. Profissão: pedreiro, carpinteiro, pescador, agricultor. Escolaridade: ensino fundamental incompleto. Tempo de duração: 6h e 49 minutos.

Vitorio Pinto – nasce no dia 24 de dezembro de 1929 em Cururupu. Profissão: aposentado. Participou de vários terreiros de pajelança nos povoados e na cidade de Cururupu. Tempo de duração: 1h e 49 minutos.